

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

---

**MARLENE ELIANE DOS SANTOS**

**O Uso Pronominal Nós/A Gente na Fala dos Alunos da EJA-Educação  
de Jovens e Adultos: Pesquisa no Município de Campo Grande/MS**

---

CAMPO GRANDE-MS  
2018

**MARLENE ELIANE DOS SANTOS**

**O Uso Pronominal Nós/A Gente na Fala dos Alunos da EJA-Educação  
de Jovens e Adultos: Pesquisa no Município de Campo Grande/MS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Linha de pesquisa: Sociolinguística.

Orientadora: Profa. Dra. Natalina Sierra Assêncio Costa.

Campo Grande-MS  
2018

S236u Santos, Marlene Eliane dos.

O Uso Pronominal Nós/A Gente Presente na Fala dos Alunos da EJA – Educação de Jovens e Adultos: Pesquisa no Município de Campo Grande – MS/ Marlene Eliane dos Santos. Campo Grande, MS 2018.

91p. ; 30cm.

Dissertação (mestrado) – Linguística – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, 2018.

Orientadora: Profa. Dra. Natalina Sierra A. Costa.

1. Variação linguística – 2. Português. 3. Educação de jovens e adultos. Título.

CDD 23.ed. 410

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM: LÍNGUA E LITERATURA

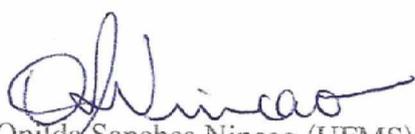
MARLENE ELIANE DOS SANTOS

Dissertação submetida à defesa pública pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Linguagem: língua e literatura, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 22/08/2018.

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Natalina Sierra Ascêncio Costa  
Orientadora

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aline Saddi Chaves (UEMS)  
(1<sup>ª</sup> Examinadora)

  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Onilda Sanches Nincao (UFMS)  
(2<sup>ª</sup> Examinadora)

## AGRADECIMENTOS

A Deus Emanuel, o Rei dos reis, o Grande EU Sou; o Princípio o Meio e o Fim; o Alfa e o Ômega. “Porque desde a antiguidade não se ouviu, nem com os ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu Deus além de ti, que trabalha para aquele que nele espera” (Isaías 64:4).

À minha mãe, Maria Edite, que acreditou nos meus sonhos e esteve do meu lado em todos os momentos difíceis do percurso acadêmico.

À minha irmã, Marli que me apoiou em todos os momentos da minha formação universitária.

Às minhas sobrinhas Lorrani Munique dos Santos, Bruna Helen dos Santos, Rafaela Vitória dos Santos e Jessica França dos Santos, companheiras da longa caminhada da vida.

À minha orientadora, Profa. Dra. Natalina Sierra Assêncio Costa pela tranquilidade em momentos de tribulação, pela sabedoria em momentos de incoerência, pelo amor ao ensino e, acima de tudo por ser uma pessoa gentil e amável. E assim, continuarei a lhe pedir conselhos...

Aos professores da UEMS, polo Campo Grande: Aline S. Chaves, Flávia Cavalcante, Antônio Carlos Santana, Marlon Leal, Adriana Chaves, Ruberval Maciel. Obrigada!!! Obrigada!!!

Aos meus colegas de graduação Renata Nascimento, Jessica Oliveira, José Bráulio, Leomar Rosa, Marlene Dualib e Wagner Siqueira.

À minha eterna conselheira e amiga Erivânia (*in memoriam*), que tirou da sua fragilidade a força da dor o sorriso e do conhecimento a esperança.

Agradeço à banca, que contribuiu de forma significativa para o direcionamento e o desenvolvimento da dissertação: Profa. Dra. Aline S. Chaves, Prof. Dr. Nataniel Gomes e Profa. Dra. Maria Leda.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – PIBAP/UEMS agradeço pelo apoio financeiro e incentivo à pesquisa.

SANTOS, Marlene Eliane dos. O Uso Pronominal Nós/A Gente Presente na Fala dos Alunos da EJA-Educação de Jovens e Adultos: Pesquisa no município de Campo Grande/MS. 2018, 91p. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo verificar e analisar a alternância dos pronomes ‘nós’ e ‘a gente’, observando, no ambiente escolar, os fatores linguísticos e extralinguísticos, que condicionam seu uso efetivo pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na escola municipal Osvaldo Cruz. O fenômeno em variações é observado em todo o território brasileiro e em países estrangeiros de língua portuguesa. Usamos como aporte teórico-metodológico a Sociolinguística Variacionista ou “Teoria da Variação e Mudança Linguística” desenvolvida por William Labov (1962). Assim, por meio do presente estudo, descrevemos o que diz a gramática normativa em relação ao quadro dos pronomes pessoais ‘nós’ e ‘a gente’ na primeira pessoa do plural na função de sujeito e comparamos com estudos sociolinguísticos que fizeram referências à questão tais como Lopes (1993, 1998, 2007), Naro (1999), Vianna (2006), Freitas (1997), Omena (1986, 1996) e Bueno (2003), entre outros. A metodologia empregada para obtenção dos dados da pesquisa foi o da entrevista, direcionada por questionário-guia previamente elaborado com perguntas com: idade, trabalho etc. As narrativas pessoais são o método mais utilizado em estudos sociolinguísticos, pois o procedimento ameniza o desconforto do informante diante de um gravador, dando naturalidade à narrativa. Os resultados da pesquisa apontaram que as formas pronominais estão estáveis, em um lento processo de mudança linguística, como veremos nas análises.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação Linguística. Português do Brasil. Educação de Jovens e Adultos (EJA).

SANTOS, Marlene Eliane dos. The pronominal use we / the people present in the speech of the students of the EJA-Youth and Adult Education: Research in the municipality of Campo Grande / MS. 2018, 91p. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

## ABSTRACT

The present research aims to verify and analyse the pronominal switching 'nós' and 'a gente', observing, at the school environment, the linguistics and extra linguistics factors, which lead in its effective use by the students of Youth and Adult Education (EJA) at the city Campo Grande. The phenomenon in variation is observed throughout the Brazilian territory and in foreign countries of Portuguese language. We use as theoretical-methodological contribution of the Variacionist Sociolinguistics or "Theory of Variation and Language Change" developed by William Labov (1962).. So, through this study, we describe what the grammar regulations in relation to the personal pronouns ' nós ' and ' a gente ' at the first person of plural as subject function and we compared it with sociolinguistic studies that made references to the question such as Lee (1993, 1998, 2007), Naro (1999), Vianna (2006), Omena (1986, 1996) and Bueno (2003), among others. These specialists pointed out that the framework of the personal pronouns described by the traditional grammars does not match with the linguistic reality of Brazil, so that the framework of the personal pronouns is in a process of reformulation. According to this, we analyse the factors which affect the use of personal pronouns at the subject function and which of the variations are being used at the school community. The methodology used to obtain the survey's data was the interview, directed by previously prepared guide questionnaire with questions such as age, job, etc. The personal narratives are the most widely used method in sociolinguistic studies, because the procedure eases the discomfort of the informant in front of a tape recorder and it gives naturalness to the narrative. And so, in the data polls the survey results point to pronouns 'ns' and 'we' in stable, in their terms.

**Key words:** Linguistic Variation. Português do Brasil. Youth and Adult Education (EJA)

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas. Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito. Eu pensava que fosse um sujeito escaleno. – Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável o Padre me disse. Ele fez um limpamento em meus receios. O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nadas...E se riu. Você não é de bugre? – ele continuou. Que sim, eu respondi. Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas. – Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os ariticuns maduros. Há que apenas saber errar bem o seu idioma. Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática.

**Manoel de Barros**

## LISTA DE MAPAS, TABELAS E GRÁFICOS

Quadro	01	<b>Quadro dos Pronomes Pessoais do Caso Reto</b>	25
Mapa	01	<b>População Residente em 2010</b>	36
Gráfico	01	<b>Usos Gerais das Variantes por Fator Sexo: Masculino e Feminino</b>	54
Tabela	01	<b>Dados Gerais entre Homens e Mulheres no Uso das Formas</b>	58

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos	16
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	14
PB	Português do Brasil	25
PLANURB	Instituto Municipal de Planejamento Urbano	36
SEMED	Secretaria Municipal de Educação	38
DED	Divisão de Educação e Diversidade	38
INEP	Instituto Nacional Estudos e Pesquisas Eduacionais Anísio Teixeira	39

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 01 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS NORTEADORES</b> .....	<b>19</b>
1.1 Linguística do Século XX .....	19
1.1.2 William Labov (1960) .....	19
1.2 Sociolinguística .....	21
1.2.1 Relação Íntima entre Língua e Sociedade .....	22
1.2.2 Variáveis e Variantes Linguística .....	22
1.3 Sistema Pronominal Brasileiro (PB) .....	24
1.3.1 Estudos Relacionados ao Fenômeno Linguístico Pronominal ‘Nós’ e ‘A Gente’ ..	26
1.3.2 Variante Conservadora e Inovadora .....	28
1.4 Variáveis Linguísticas Internas .....	29
1.4.1 Concordância Verbal .....	29
1.4.2 Paralelismo Formal .....	30
1.5 Variáveis Extralinguísticas .....	30
1.5.1 Variável por fator sexo .....	31
1.5.2 Variável por faixa etária .....	32
<b>CAPÍTULO 02 – CONTEXTO E A METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	<b>34</b>
2.1 – Município de Campo Grande .....	34
2.2 EJA – Educação de Jovens e Adultos .....	36
2.3 Informações Gerais da Pesquisa .....	38
2.3.1 Seleção dos Informantes .....	39
2.3.2 Coleta do <i>Corpus</i> : entrevistas .....	40
2.3.3 <i>Corpus</i> selecionados: grupos de fatores controladores .....	41
<b>CAPÍTULO 03 – ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS OBTIDOS</b> .....	<b>43</b>
3.1 Dados Gerais Linguísticos e Extralinguísticos .....	43
3.1.2 Variáveis Linguísticas Internas .....	43
3.1.3 Variável Concordância Verbal .....	44
3.1.4 Variável Dependente: sujeito implícito e explícito .....	46
3.1.5 Variável Paralelismo Formal .....	48
3.2 Variáveis Extralinguísticas .....	51
3.2.1 Variável por fator Sexo .....	51
3.2.2 Variável por Faixa Etária Tempo Aparente .....	54

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	60
<b>APÊNDICE</b> .....	<b>63</b>

## INTRODUÇÃO

A língua é um instrumento de identificação, que revela as nossas origens culturais, históricas e sociais. É por intermédio dela que interagimos em sociedade demonstrando a quais grupos ou comunidades pertencemos e “além disso, a língua mexe com valores. Mobiliza crenças. Institui e reforça poderes” (ANTUNES, 2007, p. 22).

Por essa razão, consideramos que a língua natural em seu uso real não é somente um veículo de comunicação entre pessoas, mas um conjunto complexo “altamente desenvolvido” de expressão e de eficácia, pois apresenta um sistema adaptável e variável. Visto que, a variabilidade linguística é inerente a todas as línguas naturais presentes em todo o mundo.

Assim, uma das características da língua é sua função socio-comunicativa de interação entre a sociedade e os indivíduos, esses inseridos dentro das comunidades de fala. De modo que, não existem línguas sem as sociedades ou sociedades sem as línguas, elas “são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo, que é impossível conceber a existência de uma sem a outra” (MONTEIRO, 2000, p. 13).

Dessa maneira, a língua se manifesta por meio de um sistema evolutivo, vivo, que se adapta às necessidades de seus falantes ou de seus grupos sociais. Ela tem um sistema flexível, varia em seus diversos níveis como: no espaço, no tempo ou de acordo com a condição social de seus falantes.

Sendo assim, as línguas vernáculas são suscetíveis a variações e mudanças, e essas variações decorrem de grupos de fatores linguísticos e sociais. Os fatores ou grupo de fatores influenciam os usos de determinadas variações dentro das comunidades de fala. Contudo, as variações linguísticas não acontecem aleatoriamente ou de um dia para outro, mas ao longo dos tempos, de maneira organizada e sistematizada.

Como já sabemos, a língua natural é inerentemente variável, de caráter heterogêneo, variável e, assim, temos como exemplo o português brasileiro falado em todo o território nacional, que apresenta uma enorme diversidade variabilidades linguísticas tanto regionais quanto sociais.

A Língua Portuguesa é a língua oficial do Brasil, originária do Latim. O português no Brasil é falado por aproximadamente 207 milhões de pessoas (IBGE, 2016). Assim, o português vernáculo brasileiro constitui-se de inúmeras variedades, e a esse respeito Bagno afirma: “ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade” (BAGNO 1999, p. 16). A diversidade linguística brasileira se dá em decorrência da grande extensão territorial

(variação diatópica) e de fatores socioeconômicos (variação diastráticas) que influenciam o português falado em todo o território nacional, entre outras variações.

Entre as inúmeras variações que ocorrem no português brasileiro, observamos o fenômeno em variação perceptível do uso do pronome pessoal ‘nós’ e ‘a gente’ para descrever a forma da primeira pessoa do plural, na função de sujeito. As formas pronominais são usadas ora concomitantemente, ora em alternância pelos falantes do português e, nas mais diversas esferas sociais.

O sistema pronominal brasileiro, ao longo dos tempos, vem apresentando variações significativas, especificamente em relação aos pronomes pessoais do caso reto. No entanto, as variações pronominais observadas no português não alteraram o quadro pronominal, descrito pelas gramáticas normativas e, conseqüentemente apresentados no conteúdo dos livros didáticos.

Assim, esta pesquisa surgiu quando eu ministrava o conteúdo sobre os pronomes pessoais em uma turma do ensino fundamental em que perguntei a um aluno qual era a diferença entre ‘nós’ e ‘a gente’. Ele respondeu-me com a seguinte frase: “Professora!! Quem é nós (nós)? Aqui todo mundo é ‘a gente’. A resposta em tom de brincadeira foi o ponto de partida para o desenvolvimento deste estudo sobre as formas pronominais ‘nós’ e ‘a gente’.

Os pronomes ‘nós’ e ‘a gente’, na forma da primeira pessoa do plural em função de sujeito, a título de exemplo, “a gente vai” e “nós vamos” são variáveis linguísticas em que “duas formas permitem dizer a mesma coisa, ou seja, quando, dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm uma função outra, estilística ou social” (CALVET, 2002, p.103). As variações linguísticas pronominais são uma entre as diversas variedades, presentes no português falado em todo o território brasileiro.

No entanto, o ensino de língua portuguesa tem valorizado a designação flexional do verbo, sendo que a não concordância entre a forma pronominal e o verbo, a exemplo, “nós era” ou a concordância “a gente vamos” explícita representa, em geral, marca de distinção social, de modo geral acompanhada de estigma, ou seja, de preconceito linguístico. O problema não é o ensino da flexão verbal, mas o ensino gramatical descontextualizado do português brasileiro, esse português falado no seio familiar, nos corredores das escolas, entre amigos, e em contexto menos monitorizado.

Dessa maneira, os estudos sociolinguísticos no Brasil trouxeram avanços no ensino-aprendizagem do português, na reflexão a respeito do caráter heterogêneo da língua, influenciados por fatores linguísticos e sociais. Os estudos das variações linguísticas passaram

a integrar a disciplina Língua Portuguesa a partir das reformulações do Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) na desmistificação do português como monológico e invariável.

A esse respeito, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 29) apontam que “a variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa”. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa, está-se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. A implementação das variações linguísticas no ensino de Língua Portuguesa, foi considerado, um grande avanço na área da educação. Porém, o ensino escolar continua pautado em práticas pedagógicas tradicionais pouco significativas e distantes da realidade linguística brasileira.

No que segue, o fenômeno presente na língua vernácula brasileira, a saber o uso pronominal/sujeito ‘nós’ e ‘a gente’, é observado não somente no território brasileiro, mas também em países estrangeiros de língua de portuguesa. E dentre os vários estudiosos do fenômeno em questão estão: Lopes (1993, 2007), Omena (1986, 1996) Naro (1999), Vianna (2006) e Bueno (2003) entre outros.

Assim, observamos na escola Osvaldo Cruz, nas turmas do ensino fundamental, que há uma considerável variabilidade linguística, fator preponderante que contribuirá para o desenvolvimento da presente pesquisa. Em vista disso, analisamos as variantes linguísticas mais recorrentes na comunidade escolar e, assim selecionamos para *corpus* de pesquisa o uso das variantes pronominais ‘nós’ e ‘a gente’ como pertinentes, especificamente nos falares dos alunos da modalidade EJA-Educação de Jovens e Adultos, em oito turmas, perfazendo um total de dezoito informantes.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade governamental de aceleração escolar de ensino voltado para alunos em defasagem escolar. Um dos objetivos da modalidade é a inserção de alunos de diversas faixas etárias na inclusão e preparação para o mercado de trabalho e na conclusão de ensino fundamental e médio. As escolas da EJA têm como características alunos de diferentes idades em uma mesma série; o fator faixa etária é um condicionante importante para o estudo em questão.

As escolas participantes da modalidade possui características diferenciadas na constituição de seus alunos. Os alunos da EJA são trabalhadores da construção civil, donas de casa e aposentados, entre outros, que não tiveram oportunidade de estudar ou terminar os seus estudos. Uns voltaram para a sala de aula devido às pressões do mercado de trabalho pela conclusão do ensino médio, outros pela simples necessidade de conhecimento. Alguns eram provenientes de comunidades rurais, como ficou evidente nas narrativas pessoais relacionadas a localidade.

A área em estudo está direcionada para a comunidade escolar da rede pública, localizada em uma escola da periferia Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul. A escola Osvaldo Cruz está localizada na região chamada Imbirussu e, em seu entorno existem diversos bairros, com uma população numerosa, sendo a única que disponibiliza os três períodos: matutino, vespertino e noturno para a modalidade EJA. De maneira geral as escolas da rede pública municipal de ensino disponibilizam somente o período noturno para a modalidade, tendo em vista que os alunos trabalham durante o dia e estudam à noite.

Sendo assim, esta pesquisa tem por objetivos (1) verificar e analisar o uso dos pronomes ‘nós’ e ‘a gente’, observando, no ambiente escolar, os fatores linguísticos e extralinguísticos, que condicionam seu uso efetivo pelos alunos da educação de Jovens e Adultos (EJA) em oito turmas do ensino médio; (2) discutir alguns pressupostos sociolinguísticos em relação às construções do ‘nós’ e ‘a gente’ na função de sujeito e seu reflexo na variação da concordância verbal, em especial, na função de sujeito pronominal.

Considerando esses fatores, surgem as seguintes questões de pesquisa: Em que medida a variação de ‘nós’ e ‘a gente’ é motivada linguisticamente? E em que dimensão a variação de ‘nós’ e ‘a gente’ é motivada socialmente e está associada à idade ou ao sexo do falante? Por isso, buscamos analisar as variantes pronominais e os condicionadores que de algum modo podem influenciar a maneira de falar da comunidade escolar.

A pesquisa foi fundamentada na “Teoria da Variação e Mudança Linguística”, uma das vertentes da Sociolinguística. O precursor desse modelo teórico-metodológico é o americano William Labov (1962), que insistiu na relação entre língua e sociedade e na sistematização das variações linguísticas da língua em uso. O estudo foi embasado em teóricos como: Louis-Jean Calvet (2002), Fernando Tarallo (1998), Marcos Bagno (1999), Lemos Monteiro (2000), entre outros. Utilizamos como material de base: gramáticas, dicionários e os documentos oficiais de educação como os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998).

Com esta pesquisa, esperamos promover uma reflexão em torno do uso das formas ‘nós’ e ‘a gente’ em variação, suscitando questionamentos a respeito do ensino de língua portuguesa nas escolas, proporcionando entendimentos em situações reais de interação em sala de aula, a fim de minimizar atitudes preconceituosas em relação aos usos variáveis da língua.

O presente estudo está estruturado em três capítulos: no primeiro capítulo, adentramos pressupostos teóricos norteadores da Sociolinguística, fundamentados por Labov (1962). Assim, elaboramos o capítulo um à luz da Sociolinguística, descrevendo os principais estudos realizados por William Labov e sua contribuição para o estudo da variação e mudança

linguística. Nos itens subsequentes, apresentamos os pronomes pessoais descritos pelas gramáticas e os estudos relacionados ao fenômeno pronominal.

No segundo capítulo, expomos o contexto e a metodologia da pesquisa que seguimos para a elaboração do presente estudo, com o objetivo de situar a pesquisa.

No terceiro capítulo, descrevemos e analisamos o *corpus* selecionado, comparando com outros estudos realizados com a questão pelo viés da Sociolinguística Variacionista, de acordo com a teoria da variação linguística.

Nas Considerações Finais, apontamos os resultados obtidos com a pesquisa realizada, demonstrando quais os condicionantes linguísticos e extralinguísticos que mais atuaram na utilização das variantes pronominais ‘nós’ e ‘a gente’

## CAPÍTULO 01 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS NORTEADORES

### 1.1 Linguística do Século XX

Para compreendermos melhor o surgimento da Sociolinguística, precisamos voltar à Linguística do século XX. A Linguística passou por grandes transformações nos últimos séculos, uma vez que a Linguística obteve o status de ciência. O precursor dessa nova ciência foi Fernand de Saussure, professor da Universidade de Genebra, sendo o primeiro a estabelecer um recorte metodológico e, determinando como objeto de estudo linguístico à língua como um sistema próprio dotado de homogeneidade.

O reconhecimento de Ferdinand de Saussure só ocorre após sua morte, com a publicação das anotações feitas por seus alunos. O livro foi publicado em 1916, com o nome “*Curso de Linguística Geral*”, de modo que o estudo da linguagem desenvolvido por Saussure elevou a Linguística a ciência. Até então, a Linguística não era reconhecida como ciência, pois não tinha autonomia devido a sua submissão a outros estudos como a filosofia, a retórica, a crítica literária etc.

Assim, segundo Saussure a língua é parte essencial da linguagem, "um sistema de signos" um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. É "a parte social da linguagem", exterior ao indivíduo; não pode ser modificada pelo falante e obedece às leis do contrato social estabelecido pelos membros da comunidade (FIORIN, 2003, p. 9).

O método científico desenvolvido por Saussure tinha como objeto de estudo a língua, na descrição dos fatos linguísticos. De acordo como o genebriano a língua é seu objeto principal de análise linguística:

"a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma, e por si mesma". Os seguidores dos princípios saussureanos esforçaram-se por explicar a língua por ela própria, examinando as relações que unem os elementos no discurso e buscando determinar o valor funcional desses diferentes tipos de relações. A língua é considerada uma estrutura constituída por uma rede de elementos, em que cada elemento tem um valor funcional determinado. A teoria de análise linguística que desenvolveram, herdeira das idéias de Saussure, foi denominada estruturalismo. Os princípios teóricometodológicos dessa teoria ultrapassaram as fronteiras da Linguística e a tomaram "ciência piloto" entre as demais ciências humanas, até o momento em que se tomou mais contundente a crítica ao caráter excessivamente formal e distante da realidade social da metodologia estruturalista desenvolvido pela Linguística. (FIORIN, 2003, p. 10)

Nesse contexto, nos meados do XX, a concepção estruturalista foi gradativamente sendo abandonada, nesse ínterim, despontava o gerativismo-transformacional de autoria de Noam Chomsky. O linguista americano defendia a existência de um “falante-ouvinte ideal” pertencente à comunidade linguística de natureza homogênea. Para o gerativista, a língua “é concebida como um sistema de princípios universais e é vista como o conhecimento mental que um falante tem da língua a partir do estado inicial da faculdade da linguagem, ou seja, a competência” (COELHO, 2010, p. 14).

Em suma, o Estruturalismo e o Gerativismo “consideravam a língua como sistema homonogêneo desvinculado de fatores e sociais” (COELHO, 2015, p.57). Em oposição a essas correntes, na década de 1960, nos Estados Unidos, surge a Sociolinguística, e dentre os seus principais estudiosos está o americano William Labov. Até então, o americano estudava a língua pelo viés da linguística moderna, as mudanças só ocorreram com os resultados de suas pesquisas.

### **1.1.2 William Labov (1962)**

No item anterior, apresentamos as concepções Estruturalista e Gerativista em que desconsideravam uma abordagem social nas análises linguísticas. Dessa forma, contrapondo essas correntes desponta a Sociolinguística, fundamentada nas pesquisas realizadas pelo americano William Labov inspirado em nas teorias de Meillet (1866, 1936).

Vale ressaltar a importância do linguista francês Antonio de Meillet (1866, 1936) uma das principais influências de William Labov para rompimento com a linguística do século XX. Meillet era conhecido como discípulo de Ferdinand de Saussure (1857, 1913), até a publicação do livro *Curso de Linguística Geral*, uma compilação das anotações encontradas de Saussure. Após a publicação o francês Meillet distanciou dos seguidores de Saussure, em discordância com uma das dicotomias da qual distinguia sincronia de diacronia.

Em razão disso, o francês escreveu criticando Saussure com o artigo “Comment les mots chagent de sens” publicado pela revista *L' Année sociologique*, afirmando que “ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand de Saussure a priva da realidade; ele a reduz a uma abstração inexplicável” (MEILLET, 1965, p. 230). Ou seja, enquanto Saussure separava a Linguística interna da externa, Meillet buscava associa-las. Para Antonio de Meillet (1866, 1936) a língua tem um caráter social, um fato social, de abordagem interna e externa da língua.

E assim, inspirado nas teorias de Meillet o americano William Labov (1960) foi, quem “mais veementemente voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (TARALLO, 1997, p. 7), rompendo como a Língua vigente da época.

William Labov (1960) propôs um novo modelo de análise ao inserir o componente social nas análises linguísticas. E seguindo os princípios de Labov, a corrente da Sociolinguística “se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala” (COELHO, 2000, p. 22). Deste modo, as pesquisas realizadas por William Labov foram determinantes para o desenvolvimento da Sociolinguística, a saber: o estudo das semivogais da população da Ilha de Martha’s Vineyard, no estado do Massachusetts (EUA); a estratificação do /r/ nas lojas de departamento nova-iorquinas e o estudo sobre o falar dos adolescentes negros do bairro do Harlem. As pesquisas labovianas evoluíram em termos de métodos e coletas de dados, ampliando o campo de pesquisa na área da Sociolinguística.

Uma das pesquisas mais notáveis desenvolvida por Labov foi sobre o falar dos adolescentes negros do bairro do Harlem. William Labov desenvolveu a pesquisa em termos práticos, estudar as causas e os motivos do fracasso escolar, principalmente as dificuldades de leitura desses jovens negros. A conclusão do estudo foi que “o principal responsável pelo fracasso do aprendizado da leitura é exatamente o conflito cultural” (CALVET, 2002, p. 99). O conflito estava entre o “vernáculo” falado pelos jovens negros, visto que possuía as suas próprias regras, e o inglês padrão ensinado no contexto escolar. Em suma, o que dificultava o aprendizado dos jovens dos guetos do Harlem era o preconceito social.

No que segue, um aspecto importante do condicionante social em relação à língua estava precisamente relacionado à variação e à mudança linguística, sendo o principal interesse de estudo de Labov. A esse respeito William Labov afirma que:

A variação no comportamento linguístico em si mesma não exerce uma decisiva influência no desenvolvimento social nem afeta as oportunidades da vida do indivíduo. De modo oposto, a forma de comportamento linguístico muda rapidamente quando muda a posição social dos falantes. (LABOV, 1968, p. 111)

Dessa maneira, as mudanças linguísticas ocorrem em função das pressões sociais, de determinados grupos de fala, podendo ser analisadas e sistematizadas. A língua natural reproduzida pelos seus falantes não pode influenciar os padrões sociais, mas pode afetar de algum modo os indivíduos na maneira como utilizam a língua ou na posição social que ocupam.

Enfim, somente a partir das pesquisas realizadas pelo americano William Labov, especificamente sobre o estudo da “Teoria da Variação e Mudança Linguística”, é que a Linguística voltou-se para a heterogeneidade linguística. Até então, as pesquisas eram realizadas timidamente, e, sem grandes expressões sobre a estrutura da língua desvinculada de fatores sociais.

## 1.2 Sociolinguística

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística, e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais (MOLLICA, 2004, p. 9). O estudo busca correlação entre as formas linguísticas e as sociais, tais como: faixa etária, sexo, nível de escolaridade e condição socioeconômica dos falantes. São os fatores condicionantes que influenciam o modo de falar dos indivíduos dentro de suas comunidades ou de seus grupos sociais.

Consideramos o estudo como interdisciplinar, visto que atua na “fronteira entre a língua e a sociedade”, tendo como base o uso concreto da língua, investigando o grau de estabilidade ou de mudança linguística. E segundo o entendimento de Mollica:

Cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Assim, compreende-se que a variação e a mudança são contextualizadas, constituindo o conjunto de parâmetros um complexo estruturado de origens e níveis diversos. (MOLLICA, 2004, p. 11)

Assim, os estudos sociolinguísticos analisam as variantes linguísticas e sociais e seu comportamento preditivo, partindo do princípio que as variações não são aleatórias, mas sistemáticas. Nesse sentido, os estudos das variações são realizados dentro de determinados grupos de fala e não de forma isolada, pois, os usos de determinadas variações ocorrem por pressões sociais e não individualmente.

Como já dissemos, a Sociolinguística laboviana estuda as variações e as mudanças linguísticas dentro das comunidades de fala. No entanto, existem outros “campos dentro da ciência da linguagem que se dedicam, de alguma forma, ao estudo da língua no contexto social, como a Linguística Histórica, a Análise do Discurso e a Linguística Aplicada” (COELHO, 2015, p. 13). O próprio nome Sociolinguística foi contestado por Labov, devido à amplitude do termo.

Segundo a autora o campo da Sociolinguística tem suas ramificações: variação linguística; bilinguismo; contato linguístico; línguas minoritárias. Porém, nos ateremos em um de suas vertentes, que é a “Teoria da Variação e Mudança Linguística”, defendida por William Labov, também chamada “Teoria Laboviana” ou “Sociolinguística Quantitativa”, que trabalha com resultados quantitativos.

### **1.2.1 Relação Íntima entre Língua e Sociedade**

Uma das funções da língua entre outras é estabelecer relações sociais, funções essas que vão além de transmitir informações entre seus falantes, assim, reforçando a estreita relação entre a língua e a sociedade. De tal modo que “a língua falada está totalmente inserida e interligada à sociedade. Não há sociedade sem língua e nem língua sem uma sociedade para que esta se manifeste” (TARALLO, 2003, p. 19).

Como já sabemos, a língua e a sociedade estão estritamente ligadas, desse modo, não podemos separar como objetos distintos ou autônomos. Conforme Monteiro, essa relação é mais profunda, pois acompanha a evolução da sociedade:

A relação entre língua e sociedade é mais profunda do que se imagina. A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço. Assim, se explicam os fenômenos de diversidades e até mesmo de mudança linguística, conforme Labov tem insistido. E, inversamente, pode-se supor que certas atitudes sociais ou manifestações do pensamento sejam influenciadas pelas características que a língua da comunidade apresenta. (MONTEIRO, 2000, p.16)

No entanto, essa relação é complexa na medida em que os padrões de comportamento sociais podem estar associados à língua compartilhada no seio das comunidades. De certo modo, é possível compreender um determinado comportamento social por intermédio da fala dos indivíduos, no uso de determinadas variações linguísticas. Para compreendemos melhor essa relação, precisamos desmistificar o conceito saussuriano da homogeneidade linguística, ou seja, de uma língua única e invariável como pré-requisito para a descrição e o estudo da língua.

“Este princípio foi seguido pelo estruturalismo, intensificado pelos adeptos da glossemática e levado até as últimas consequências pelo gerativismo” (MONTEIRO, 2000, p. 16). O princípio da homogeneidade linguística negava qualquer interferência ou influência de fatores sociais sobre a língua, o que motivou uma ruptura entre a Linguística e os estudiosos da Sociolinguística.

## 1.2.2 Variável e Variantes Linguística

As variações são inerentes às línguas naturais e constituem um fenômeno universal que não “compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes, o que podemos perceber quando observamos que as pessoas à nossa volta falam de maneiras diferentes, mas sempre se entendendo perfeitamente” (COELHO, 2015, p. 16).

As variações linguísticas são o principal interesse da Sociolinguística, passíveis de serem descritas e analisadas. E parte do princípio de que certos usos linguísticos são determinados por variações, condicionados por fatores internos à própria língua (linguísticos) e externos (sociais). O favorecimento de uma regra variável em oposição a outra é consequência de circunstâncias linguísticas. Essas circunstâncias é o que chamamos de condicionadores, os quais pressionam determinados usos linguísticos. A esse respeito Mollica comenta que:

A sociolinguística tem como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como princípio geral e universal das línguas, essas a pesar de apresentarem “caóticas” são passíveis de serem descritas e analisadas. Ela parte do pressuposto de que toda a variação é motivada, isto é, é controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível. Isso corresponde a dizer que a aleatoriedade nos empregos de formas linguísticas está fora de cogitação. (MOLLICA, 1994, p. 14)

No emprego concreto das línguas, as variações não ocorrem aleatoriamente, mas de maneira sistematizada e organizada. Cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade das variantes, não de forma individual, mas dentro de determinados grupos ou de certas comunidades da fala.

Em toda comunidade de fala, os seus integrantes adotam formas linguísticas em variação. As formas linguísticas em variação são chamadas de variantes. “As variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” (TARALLO, 1998, p. 8). Por exemplo, da variação entre os pronomes ‘nós’ e ‘a gente’, a variável com a qual estamos falando é a expressão pronominal da 1ª pessoa do plural. As variantes são as formas individuais que “disputam” pela “expressão da variável”, no caso, os pronomes ‘nós’ e ‘a gente’.

Assim, observamos que no português falado em todo o Brasil, a ocorrência sistemática dos usos concomitantes ou alternados das variantes linguísticas pronominais ‘nós’ e ‘a gente’, como concorrentes, são reproduzidas nas diversas esferas sociais e em todo o território nacional.

Estudos sociolinguísticos demonstram que o fenômeno linguístico também ocorre em outros países de língua portuguesa.

No Brasil, por exemplo, se fala português e suas variedades, diferentemente do português lusitano de nossos colonizadores. De modo que o português falado no Brasil é reconhecido por países estrangeiros como português brasileiro, devido a sua diversidade linguística. A esse respeito, Bagno comenta sobre a diversidade do português brasileiro:

Ora, verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país – que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito –, mas principalmente por causa da injustiça social que faz o Brasil o segundo país com pior distribuição de renda em todo o mundo. (BAGNO, 1999, p. 16)

O português brasileiro reproduzido por parte de seus falantes apresenta uma série de variações, independentemente do contexto de fala. O contexto pode ser formal, próximo da língua padrão, ou informal – chamado de popular. Compreendemos que a variação padrão ensinada no contexto escolar pressiona o uso da língua, estabilizando as formas consideradas formal e informal.

É nesse sentido que os estudos sociolinguísticos demonstraram o caráter heterogêneo da língua, influenciada pelo comportamento social, na manifestação das formas variáveis, dando, assim, origem a inúmeras variantes, condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos.

A título de exemplo, podemos comparar o português de Portugal da época medieval do século XIII ou do próprio latim, como também o português de Portugal (1500) da época da colonização e o português do Brasil na atualidade. Essas diferenças se dão em todos os níveis: semântico; sintático; fonológico; lexical; e morfológico. Contudo, essas mudanças não ocorrem abruptamente, e, sim, ao longo dos tempos e de modo lento e imperceptível dentro das comunidades de fala.

Como podemos observar, o português brasileiro apresenta uma diversidade linguística considerável, o que corrobora o desenvolvimento de estudos sociolinguísticos, a exemplo das variações linguísticas pronominais no caso reto (nós = a gente). O sistema pronominal (PB), ao longo dos tempos, tem apresentado mudanças perceptíveis, uma contradição entre o que descreve as gramáticas e o ensino de variações.

No item a seguir, apresentaremos considerações sobre o sistema pronominal descritos pelas gramáticas normativas.

### 1.3 Sistema Pronominal do Português Brasileiro (PB)

Em relação ao sistema pronominal, descreveremos o que diz a gramática normativa, tendo como referência Cegalla (1998), em relação ao quadro dos pronomes pessoais do caso reto. O português brasileiro apresenta alterações significativas em seu sistema pronominal, no entanto, as gramáticas normativas não acompanham tais fenômenos linguísticos, a exemplo da variação pronominal/sujeito “nós e “a gente”. O pronome “nós” na 1ª pessoa do plural, na função de sujeito, é descrito pelas gramáticas normativas (veremos abaixo) como invariável, o que não reflete a realidade linguística brasileira.

Apesar das alterações ocorridas no sistema de pronomes pessoais do português (PB), as gramáticas normativas tradicionais descrevem de forma invariável o quadro dos pronomes/sujeitos.

Como podemos observar, no quadro abaixo, que as formas pronominais descritas pela gramática normativa não apresentam variações. Estamos aqui nos referindo à gramática normativa, que tem como parâmetro a norma padrão, ou seja, a norma que regula a língua escrita.

Quadro 01 – Pronomes pessoais do caso reto.

PRONOMES PESSOAIS NO CASO RETO	SINGULAR	PLURAL
1ª pessoa	Eu	Nós
2ª pessoa	Tu, você	Vós
3ª pessoa	Ele, Ela	Eles, Elas

Fonte: Cegalla (2008)

De acordo com Cegalla (2008, p. 180), os pronomes pessoais do caso reto são palavras que substituem os substantivos e representam as pessoas do discurso. Para o autor, as pessoas do discurso (ou pessoas gramaticais) são três:

1ª pessoa – a que fala: eu, nós

2ª pessoa – a com quem fala: tu, vós

3ª pessoa – a pessoa ou coisa de que se fala: ele/ela, eles/elas.

Segundo o gramático, os pronomes pessoais do caso reto, em regra, funcionam como sujeito da oração.

Como vimos, a gramática normativa descreve os pronomes pessoais do caso reto como invariáveis. Porém, apresentaremos alguns autores normativistas que se referem ao pronome “a gente” nos apêndices ou em nota de rodapé, tais como: Rocha Lima (2001), Bechara (2006), Cunha & Cintra (1985), entre outros com veremos a seguir:

Bechara (2006, p. 20) sustenta que “O substantivo *gente*, precedido do artigo *a*, é em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou *a* está sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa”. Em ambos os casos, o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

Celso Cunha e Rocha Lima (1998) descrevem em notas de rodapé o pronome ‘nós’ como a forma pronominal empregada em situação formal ou em textos literários ou religiosos. Segundo os autores, o pronome ‘nós’ não é utilizado em situação cotidiana, porém não se refere à variante “a gente” como uma possível substituição.

Porém, tais gramáticos não se referiram no quadro do pronome pessoal ‘a gente’ como uma possível alternância ou substituição do pronome/sujeito ‘nós’. Em contrapartida, apresentaremos estudos relacionados à questão pronominal ‘nós’ e ‘a gente’ na função de sujeito.

### **1.3.1 Estudos Relacionados ao Fenômeno Linguístico Pronominal ‘Nós’ e ‘A Gente’.**

A respeito das alterações ocorridas no sistema de pronomes pessoais do português brasileiro (PB), estes são descritos como invariáveis pelas gramáticas normativas tradicionais. No entanto, o fenômeno linguístico foi pesquisado por diversos estudiosos da Sociolinguística, que separam os grupos de indivíduos cultos e indivíduos não cultos. Assim, os estudiosos da questão afirmam que o quadro dos pronomes pessoais do caso reto, descritos pelas gramáticas normativas, não correspondem à realidade linguística brasileira.

Entre os estudiosos estão Omena (1986, 2003); Lopes (1993); Machado (1995); Monteiro (1994), entre outros, que apontam uma estabilidade entre as formas, o que pode estar relacionado ao processo lento em que ocorre a mudança linguística.

Omena diz que a expressão ‘a gente’, a princípio, era utilizada como um substantivo coletivo referindo ao grupo de pessoas, mas que passou por uma mudança de uso, com a inclusão do artigo *a* para referir a primeira pessoa do plural. A autora afirma que a origem da

expressão tem origem no substantivo latino, de modo que passou por um processo de gramaticalização:

O nome *gente*, oriundo do substantivo latino *gens*, *gentis*, constitui um SN que nomeia de forma coletiva, indeterminadora, mais ou menos geral, um agrupamento de seres humanos, identificados entre si por objetivos, ideias, qualidades, nacionalidade ou posição. Determinado pelo artigo feminino *a*, e a forma originária de *a gente* que, através de um processo de gramaticalização, passou a integrar o sistema de pronomes pessoais do português, concorrendo com *nós*, forma de primeira pessoa do plural. (OMENA, 2003, p. 65)

Segundo a autora “O processo de gramaticalização se dá quando um “item lexical transforma-se em gramatical ou assume uma função gramatical”. Desta maneira, a forma ‘a gente’ se apresenta em um processo de gramaticalização, visto que o substantivo ‘gente’ tem origem no substantivo feminino latino “gens>gentis>gente”, a expressão ‘gente’ a princípio significa um grupo de seres humanos, porém o sentido da palavra mudou ao longo do tempo, de “gente” representando um grupo qualquer de pessoas para ‘a gente’ com acréscimo do artigo *a* na substituição do pronome ‘nós’ na forma da primeira pessoa do plural.

Monteiro (2003, p. 25) argumenta que o sistema pronominal brasileiro está em processo de reformulação em seu quadro pronominal, tendo em vista “a substituição de “tu” por “você” e de “nós” por “a gente”. De modo que, a exemplo de substituição de “tu” por “você”, o pronome “a gente” seguirá o mesmo processo de mudança linguística.

De acordo com Callou & Lopes (2003, p. 73), na década de 1990 a forma ‘a gente’ estava em um processo acelerado de mudança linguística. As autoras compararam com estudos mais recentes, que demonstraram uma certa estabilidade nas formas de uma década para a outra.

Aparentemente, a substituição de *nós* por *a gente* se está efetivando progressivamente, seja entre os falantes cultos, seja entre os não-cultos. Na amostra NURC relativa aos anos 70, o uso da forma mais antiga *nós* suplantava a forma inovadora, mas a nova amostra referente a década de 90, com informantes diferentes, sugere, ao contrário, um uso mais frequente da forma inovadora, indicando uma aceleração rápida na implantação da substituição de *nós* por *agente* na comunidade. Nos resultados de Omena (2003) – anos 80 e 2000 –, no entanto, a comunidade não mudou, pois as proporções no uso das variantes continuam praticamente as mesmas. (...) observa-se que a comunidade apresenta-se **instável**, se levarmos em conta os falantes cultos, mas quanto aos não-cultos, nota-se uma certa **estabilidade** no comportamento da comunidade de uma década para outra.

Callou & Lopez, citando Omena (2003) ressaltam que, entre os falantes cultos, as formas pronominais estão instáveis, o que pode estar relacionado à escolaridade dos

informantes, enquanto nos indivíduos não cultos apresentam-se uma estabilidade. De modo que a substituição de “nós” por “a gente” está ocorrendo de maneira progressiva, de forma que o uso sistemático da variação pronominal “a gente” pode pressionar uma possível reformulação no quadro dos pronomes pessoais no caso reto.

Para Lopes (1999, 2003), o processo de pronominalização da forma ‘a gente’, no português, deu-se início no século XVI, de forma gradual, com interpretações ambíguas, em que o uso da forma ‘a gente’ significava “um grupo de seres humanos”, como também “um grupo de pessoas” que incluía o falante.

No que consta, o fenômeno em variação ‘nós’ e ‘a gente’ indica uma possível mudança linguística apesar da estabilidade aparente, uma vez que a variante inovadora se dá de maneira lenta na concorrência do espaço em disputa. Levando-se em consideração que estamos aqui nos referindo ao nível da oralidade, e não do texto escrito.

Segundo Ferreira (2002), em relação à variação de ‘nós’ e ‘a gente’, na fala e na escrita, a partir da Amostra Discurso & Gramática (1995), os resultados da pesquisa demonstram que na fala os indivíduos preferem a forma inovadora “a gente”, ao passo que, na escrita, a forma conservadora “nós” é a mais utilizada.

O *corpus* de nossa pesquisa se dá somente no nível da fala dos alunos do sistema EJA, matriculados no ensino fundamental das turmas: iniciais, intermediárias e finais. Portanto, levantaremos algumas possibilidades de uso da forma pronominal/sujeito ‘nós’ para ‘a gente’, verificando em que medida a opção escolhida pelo falante poderá ser sistematizada, e se as formas linguísticas em uso estão em processo de mudança ou confirmando os estudos de uma estabilidade.

### 1.3.2 Variante Conservadora e Inovadora

É certo que a variante padrão (conservadora) tende a ser mais prestigiada devido a condicionadores como grau de escolaridade e posição social, uma vez que a variante não padrão (inovadora) pode ser estigmatizada como motivo de preconceito linguístico. Acompanhando as ideias propostas por Coelho, pode-se dizer que essa tendência nem sempre é condizente:

Claramente, a variante padrão é “nós”. Ela goza de prestígio e é a forma conservadora, que está há mais tempo na língua. Por sua vez, “a gente” é a variante não padrão, que sofre mais estigma e é inovadora. Nota-se, contudo, que o estigma de “a gente” tem se perdido e que essa variante tem sido usada também em contextos mais formais, nos quais figura apenas a forma “nós”. Estamos vendo, portanto, a tendência que mostramos anteriormente sendo relativizada. COELHO, 2015, p. 19)

Diferentemente das variantes estigmatizadas, a forma pronominal ‘a gente’ não padrão é aceita socialmente. A alternância do pronome/sujeito ‘nós’ e ‘a gente’ é um fenômeno que se manifesta nas mais diversas esferas sociais. Apesar de ser uma variante inovadora, a forma ‘a gente’ não sofre tanto preconceito linguístico quanto certas variáveis estigmatizadas. Segundo as pertinentes ideias de Cunha, com relação ao prestígio referente à variante padrão:

A língua padrão por exemplo, embora seja uma entre muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiada, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação. (CUNHA, 1985, p. 2)

A variação padrão conservadora pressiona as demais variações linguísticas no uso das formas, como é o caso do pronome ‘nós’ ensinado no contexto escolar na língua escrita. Cabe observar que os alunos utilizam a forma ‘nós’ e ‘a gente’ na oralidade, enquanto a forma ‘nós’ é mais observada na escrita. Porém, estudamos somente a forma na fala dos alunos do sistema EJA. Assim, a língua vernácula apresenta variações presentes como geográficas, socioeconômicas e modalizadas (escritas e faladas), de modo que seus usuários adaptam sua maneira de falar a de seus grupos sociais ou a determinados contextos sociais.

Portanto, o fenômeno em variação ‘a gente’ é observada em todo o território brasileiro. Apesar de ser uma variante inovadora, estudiosos não a consideram como estigmatizada. Uma das hipóteses pode estar relacionada a sua utilização em todas as esferas sociais, entre os escolarizados e os não escolarizados.

Nos itens seguintes, apresentaremos as variáveis linguísticas e extralinguísticas relacionadas com o fenômeno linguístico, no direcionamento e na comparação com outros estudos para posteriores análises dos dados selecionados.

#### **1.4 Variáveis Linguísticas Internas**

De acordo com a Sociolinguística, as variações linguísticas são um fenômeno universal que implicam a existência de variantes, isto é, formas diversas de dizer a mesma coisa. De tal modo, os grupos de fatores podem acontecer internamente ou externamente à língua pressionando o seu uso de uma variante sobre a outra. Assim, na variação interna a língua analisamos alguns fatores tais como: a variação concordância verbal, sujeito implícito e explícito e paralelismo formal.

### 1.4.1 Concordância Verbal

Na variação concordância verbal, as variações pronominais ‘nós’ e ‘a gente’ são duas formas de dizer a mesma coisa, dessa maneira o pronome/sujeito pode concordar com o verbo ou apresentar ausência de concordância. A esse respeito, Mollica comenta que:

A concordância entre verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável linguística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância do verbo ou a ausência da marca de concordância (MOLLICA, 2010).

Assim, a variável concordância verbal tem demonstrado ser significativa nos estudos sociolinguísticos de estudiosos como: Omena (1986, 2003), Lopes, (1993, 1999), entre outros. Observa-se na variação concordância verbal algumas possibilidades de uso:

- Concordância de *a gente* com formas verbais na terceira pessoa do singular
- Concordância de *a gente* com formas verbais na primeira pessoa do plural
- Concordância de *a gente* com formas verbais na terceira pessoa do plural
- Concordância de *nós* com formas verbais na terceira pessoa do singular
- Concordância de *nós* com formas verbais na primeira pessoa do plural

Por fim, as variantes ‘nós’ e ‘a gente’ podem concordar ou não com o verbo, a primeira mais conservadora e a segunda mais informal. Os falantes optam por uma das formas, mas a tendência é a utilização da variante “a gente”, mais informal.

### 1.4.2 Variação Paralelismo Formal

Paralelismo formal tem sido uma variável importante para os estudos linguísticos do português brasileiro. Essa variável ocorre quando há uma manutenção de uma mesma forma em uma sequência discursiva. Conforme Lopez (1993, p. 42), “É como se o falante “optasse”, num processo cognitivo, por repetir a mesma forma enquanto mantém o mesmo referente, ao passo que mudará quando o referente for outro”.

A variável paralelismo formal foi pesquisada por Omena (1998), Lopez (1993) e Scherre (1988,1992), em que apontavam como relevantes as formas pronominais ‘nós’ e “a gente”.

Bueno (2003, p. 52), citando Scherre (1992, p. 48-49), afirma que, nas diferentes pesquisas realizadas pela autora na busca de explicações para o fenômeno paralelismo formal, chegou à seguinte conclusão, tais como:

A facilidade de processamento (lei do menor esforço);

O funcionamento da memória imediata (tendência de repetição de formas semelhantes, concordância formal e auto monitoração);

Processamento não mecânico de formas gramaticais semelhantes associado a uma das possíveis formas de a mente humana operar, criando a harmonia discursiva e a coesão textual.

A questão a ser considerada em relação ao paralelismo formal do pronome/sujeito ‘nós’ e ‘a gente’ como primeira referência está no fato de saber se fenômeno paralelismo é um processo de natureza formal ou funcional.

### **1.5 Variáveis Extralinguísticas**

As variações linguísticas são inerentes às línguas, e mesmo aparentando um sistema “caótico” podem ser organizadas e sistematizadas. As variações não são aleatórias, mas seguem certas regras linguísticas variáveis. “São, portanto, regras variáveis, pois o favorecimento de uma variante e não de outra decorre de circunstâncias linguísticas” (TARALLO, 1997, p. 11). Desse modo, as circunstâncias linguísticas são os fatores internos e os fatores externos (sociais), tais como: classe social, faixa etária, escolaridade, que se aplicam a regras específicas.

As variáveis sociais influenciam na escolha das variantes, e essas escolhas nem sempre podem ser consideradas como relevantes. Na maioria das variações, os fenômenos acontecem internamente na língua, ou seja, na estrutura linguística. Porém, há casos em que as variações linguísticas internas dependem dos fatores sociais (extralinguísticos) para sua realização.

Isso significa que a língua natural usada em uma sociedade é influenciada por variáveis extralinguísticas. De acordo com Mollica (2004), as variáveis sociais:

Registram-se os marcadores regionais predominantes em comunidades facilmente identificadas geograficamente, em simultaneidade a indicadores de estratificação estilístico-social, de forma que a variação projeta-se em um contínuo em que se podem descrever tendências de uso linguísticos de comunidades de fala caracterizadas diferentemente quanto ao perfil sociolinguístico (MOLLICA, 2004, p. 26).

Para Mollica, as variáveis linguísticas e as sociais atuam num conjunto complexo de correlações que, de certo modo, inibem ou mesmo favorecem o uso de formas variantes semanticamente equivalentes.

No próximo item, apresentaremos os fatores que condicionam o fator sexo tanto masculino como feminino.

### 1.5.1 Variável por Fator Sexo

No que tange à variável por fator sexo, a diferença de fala entre homens e mulheres é de interesse para a Sociolinguística. Portanto, verifica-se que homens e mulheres podem assumir posturas diferentes na utilização real da língua, as diferenças de posturas podem ocorrer tanto na fala monitorada como na não monitorada. De acordo com Labov (1966a: 281) em relação à fala monitorada, as mulheres usam menos as formas estigmatizadas do que os homens, ou seja, as mulheres são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio quando monitoradas. Elas mostram isso numa inclinada alternância estilística, sobretudo em contexto mais formal, de modo que as variações linguísticas em função do sexo do falante não podem ser consideradas para caracterizar as sociedades.

Assim, Mollica (2000, p. 72) ressalta que “mesmo em países industrializados, o discurso feminino é marcado por tabus linguísticos, eufemismo, estruturas de polidez, purismo, conservadorismo etc.”. Ou seja, os falantes da língua na função de gênero/sexo assumem posturas diferenciadas quando são monitorados ou não monitorados, e mais ainda em relação a sua função social.

No caso do presente estudo, analisamos a língua em situações naturais de interação social, do tipo face a face. Verificamos a que constância os informantes da EJA alternam o uso da forma pronominal ‘nós’ por ‘a gente’, na função de sujeito, como dito antes.

Nesse sentido, Lemos Monteiro (1991, p. 75) afirma que em fala culta o uso da variante ‘a gente’ é a mais utilizada entre as mulheres, ou seja, as mulheres cultas “aceitam mais as inovações do que os homens”. Contrário ao estudo de Omena (1986, p. 106), que apontou e sua pesquisa sobre a fala popular que as mulheres usam a forma “nós” mais do que os homens. Bueno (2003, p. 76), em seu estudo sobre a variação ‘nós’ e ‘a gente’ na comunidade de boias-frias, “revela que parece não existir relacionamento entre a forma e o sexo, embora se possa falar de uma pequena tendência para o uso da forma ‘nós’ entre os homens (65% maior que 57%) e de ‘a gente’ entre as mulheres (43% maior que 35%)”, e que o resultado está coerente com o de Monteiro (1991). Como podemos observar, as pesquisas divergem em relação aos pronomes em variação ‘nós’ e ‘a gente’.

Em suma, a análise da variável por sexo é de grande importância para os estudos sociolinguísticos, principalmente na utilização das formas padrão e não padrão, no que consta variação e mudança linguística, relacionados aos gêneros masculinos e femininos.

### 1.5.2 Variável por Faixa Etária

Nas análises sincrônicas, no que se refere à idade dos informantes, o pesquisador “estará acrescentando uma dimensão histórica à análise: tempo aparente” (TARALLO, 1997, p. 65). A variável social condicionada pela idade do falante é um fator importante para a análise do fenômeno pesquisado da alternância pronominal ‘nós’ e ‘a gente’ na verificação de um processo de variação estável ou de mudança linguística.

O fenômeno em variação ‘nós’ e ‘a gente’ pode apresentar estabilidade entre as formas variantes, também chamado de “contemporização” (TARALLO, 1997, p. 65), ou apresentar uma situação de mudança, que ocorre quando uma variante inovadora for mais utilizada pelos falantes jovens em relação aos falantes de maior idade.

Assim sendo, as línguas evoluem no tempo e no espaço, e essas mudanças não ocorrem abruptamente e, para Bueno (1994, p. 2003) as mudanças linguísticas se “processam de modo lento e gradual, No âmbito social, por exemplos, os falantes mais velhos costumam preservar as formas antigas ou de maior prestígio, o que pode acontecer com as pessoas mais escolarizadas”, as pressões sociais podem influenciar determinados grupos e o fator sexo.

Autores como Omena (1986) e Fernandes & Gorki (1996) afirmam que, na fala popular, a substituição de ‘nós’ por ‘a gente’ apresenta ocorrência em todas as faixas etárias, porém entre os mais jovens essa ocorrência é maior se comparada aos mais velhos, o que pode caracterizar uma mudança em processo.

Já na fala considerada culta, autores como Lopez (1993), Lemos Monteiro (1991) e Freitas & Albán (1991) entre outros, realizaram estudos que demonstram que os jovens estão usando mais a forma inovadora ‘a gente’ e os mais velhos a forma ‘nós’, o que não pode ser considerada ainda uma mudança linguística. Os estudos divergem em relação ao fator idade na utilização das formas variáveis pronominais ‘nós’ e ‘a gente’.

## CAPÍTULO 02 – CONTEXTO E A METODOLOGIA DA PESQUISA

### 2.1 Município de Campo Grande

Neste item, apresentaremos um breve panorama do município de Campo Grande e a constituição de sua população. Vale lembrar que a Sociolinguística estuda a língua em contexto social, o que justifica a descrição do município e de sua população, de modo que apresenta características diversificadas e de falares variados, fatores importantes para o presente estudo do uso da variação pronominal ‘nós’ e ‘a gente’.

Mato Grosso e Mato Grosso do Sul constituíam-se em um mesmo estado até a sua divisão em 1977, quando os estados desmembraram-se entre a parte norte e a sul. E assim, o estado do Mato Grosso do Sul tornou-se independente do norte, configurando como capital Campo Grande.

Inicialmente, o povoado de Campo Grande era um entreposto de viajantes de todas as regiões do país, como: boiadeiros, vaqueiros e tropeiros que utilizavam o povoado para estalagens devido sua localização. O município foi elevado a sede de comarca em 1911 e sua expansão aconteceu em 1914, com a chegada da “Estrada de Ferro Noroeste do Brasil” (NOB). A linha férrea ligava as principais cidades de São Paulo (via Três Lagoas) e Porto Esperança, “encontraram-se na Estação de ligação, este município”. A partir de então, o município tornou-se um importante centro econômico e, por consequência, sua população cresceu rapidamente, constituída por migrantes nordestinos, gaúchos, paulistas com também, imigrantes japoneses, libaneses e paraguaios.

Campo Grande tornara-se um lugar promissor, o *el dorado* do imaginário nacional: a cidade crescia vertiginosamente. Para estas terras imigraram alemães, árabes, argentinos, espanhóis, italianos, japoneses, paraguaios, portugueses, entre tantos migraram gaúchos, mineiros, paulistas, pernambucanos, entre outros. A cidade transformava-se dia a dia em roteiro dos mercadores dos grandes centros e das construções. Erigiam-se hotéis, teatros, cinemas, cafés, farmácias, bares, casas comerciais e residenciais e, aos poucos, as edificações de alvenaria de tijolo maciço tornaram-se mais elaboradas. Com o estilo eclético, substituíam vaidosamente as casinhas de taipa caiadas de branco, a irradiar a luz do sol na ambiência empoeirada do movimento. Era o progresso que chegava e casas vetustas eram demolidas para novas serem edificadas. Muito foi destruído em nome do progresso. E construído também. (PLANURB, 2016. p. 26 )

Com a chegada da linha férrea, a população da pequena comarca cresceu vertiginosamente trazendo imigrantes e migrantes de todas as regiões do Brasil em busca de novas oportunidades. O crescimento populacional da cidade aumentou significativamente constituindo uma população diversificada linguisticamente. A partir da divisão do estado em 1977, Campo Grande se tornou capital do Mato Grosso do Sul. A capital sul-mato-grossense é também conhecida como cidade “morena” com característica interiorana.

Atualmente, a população urbana de Campo Grande, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2010), tem 786.797 habitantes. São 381.333 homens e 405.464 mulheres, o que corresponde a 32% da população de Mato Grosso do Sul. A taxa de urbanização é de 98,7%, maior índice do Estado.

Mapa 18

## POPULAÇÃO RESIDENTE 2010

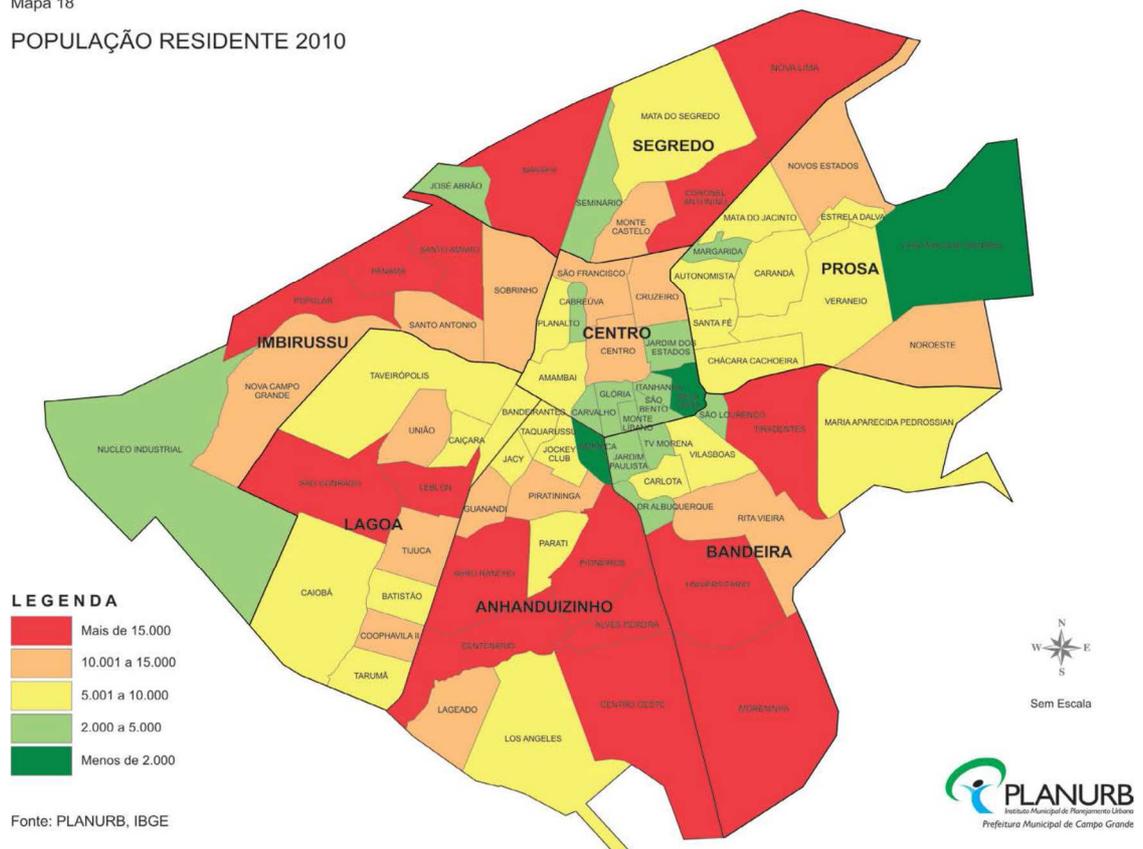


Figura 1: O mapa demonstra a população residente em Campo Grande em 2010. As áreas em vermelho são as regiões mais populosas.

Na composição populacional, temos as etnias indígenas, tais como, os Guaranis, os Quatóis, os Terenas entre outros, como parte integrante da comunidade campo-grandense. As diversas etnias formaram pequenas comunidades dentro dos bairros da periferia e, dentre essas comunidades está a aldeia urbana Marçal de Souza, que recebeu o nome do seu líder Guarani “Marçal de Souza”. Assim, a aldeia Marçal de Souza tornou-se um ponto turístico da cultura indígena.

A diversidade populacional campo-grandense é formada de imigrantes e migrantes, misturas de linguajares e sotaques que contribuíram para a heterogeneidade linguística da população. De tal modo, que lançamos mão dessas informações como fator preponderante da diversidade linguística campo-grandense para a realização da pesquisa, que tem como objetivo o estudo as variantes linguísticas pronominais “nós” e “a gente”, presentes nos falares da comunidade escolar.

Assim, Campo Grande é dividida por regiões como Anhanduizinho, Bandeira, Centro, Lagoa, Prosa, Segredo e Imbirussu. Deter-nos-emos, então, na região urbana Imbirussu, onde localizado a escola pesquisa, em seu entorno são constituídos por diversos bairros periféricos e populosos.

A escola está localizada em uma região populosa com altos índices de evasão escolar e de bairros carentes de bens materiais e culturais, de sorte que escolhemos a escola pública municipal Osvaldo Cruz, que disponibilizava três de seus turnos: matutino, vespertino e noturno para a modalidade EJA-Educação de Jovens e Adultos. A escola tem alunos não somente da região do Imbirussu como de outras regiões da cidade e, de faixa etária diversificada, como por exemplo, no turno vespertino, os alunos estão entre 15 e 17 anos e 50 e 63 anos. Ou seja, podemos encontrar em uma mesma sala de aula alunos de 15 e de 60 anos convivendo em um mesmo espaço. A condicionante faixa etária é um fator importante para os estudos sociolinguísticos. Portanto, é sabido que jovens falam de modo diferente de um adulto e, conseqüentemente, de um idoso.

De acordo com Labov (2008, p. 104), podemos definir uma variável linguística como correlacionada com alguma variável não linguística do contexto social: o falante, o interlocutor, o público, o ambiente etc., de maneira que uma variável linguística, isto é, ‘nós’ e ‘a gente’, está associada ao contexto social em que está inserido o falante.

## 2.2 EJA-Educação de Jovens e Adultos

Deliberação n. 5.060 em 16 de novembro de 2017 Cap. II – Do curso de Jovens e Adultos: Art. 3<sup>a</sup> – A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino da Educação Básica destinada àqueles que não tiveram acesso à escolarização ou não deram continuidade aos estudos na idade própria. (DIOGRANDE n. 5.060, 2018, p. 10)

Apontaremos o cenário da EJA-Educação de Jovens e Adultos nas esferas municipal e nacional, e quais as características da modalidade, de acordo com dados obtidos pela Secretaria Municipal de Educação/SEMED, que nos forneceu uma descrição da EJA no município campo-grandense.

Segundo o departamento de Divisão de Educação e Diversidade – DED/Educação de Jovens e Adultos, a rede pública municipal de educação de Campo Grande disponibiliza dezenove escolas para o curso de Educação de Jovens e Adultos, dezoito escolas na região urbana e uma na região rural. O número de matriculados na modalidade em 2017/2018 é de aproximadamente 1.445 alunos. As escolas são implantadas por regiões (como descrevemos no item anterior) estrategicamente planejadas, próximas a bairros periféricos e carentes. A maioria das escolas disponibiliza somente o período noturno, porém a EM Osvaldo Cruz é a única que oferta os três turnos (matutino/vespertino/noturno).

As escolas adequaram a modalidade de ensino para o período noturno para que os alunos conciliem trabalho e estudo, uma vez que o mercado de trabalho pressiona os indivíduos a se qualificarem e, conseqüentemente, a retornarem à sala de aula.

O Ensino de Jovens e Adultos é um programa governamental brasileiro, que tem como proposta a educação para todos. Assim, o sistema EJA-Educação de Jovens e Adultos é a modalidade de ensino destinada a jovens e adultos que não deram continuidade a seus estudos, mas também é destinada àqueles que não tiveram acesso ao ensino fundamental/médio na idade própria. O EJA substituiu o antigo “supletivo”, possibilitando aos indivíduos a conclusão de seus estudos. A modalidade educacional é garantida pela constituição de 1998, um avanço em termos de educação para todos.

A Constituição de 1988 trouxe avanços para a EJA: o ensino fundamental, obrigatório e gratuito, passou a ser garantia constitucional para aqueles que não tiveram acesso a ele na idade apropriada. A partir das décadas de 1980 e 1990, a educação deixou de ser um ensino voltado para o tradicionalismo, fazendo com que os educadores buscassem novas propostas de ensino, para auxiliar no crescimento do aluno para uma educação mais qualificada. (LIMA, 2014, p. 23)

Vale lembrar que, a EJA-Educação para Jovens e Adultos é definida pelo artigo 37 da LDB (lei n. 9.394/1996) e pelas Diretrizes Curriculares e Operacionais Nacionais referente a essa modalidade. Sua principal tarefa está em fazer valer o artigo 208 / inciso I – previsto na Constituição Federal de 1998, que garante o acesso e a permanência ao ensino fundamental a todos, de modo que as mudanças mais significativas ocorreram somente com a promulgação da nova LDB n. 9.394, em que a modalidade passa a contemplar “as várias modalidades de educação de jovens e adultos”, adequando-se às demandas sociais brasileiras.

Dentre algumas alterações significativas podemos citar: redução da idade mínima (15 anos para o ensino fundamental e 18 para o ensino médio), supressão de referências sobre o ensino profissionalizante atrelado à EJA, uso de didática apropriada às características do alunado, condições de vida e trabalho, aplicação de projetos especiais para o alcance dos objetivos desejados. (LIMA, 2014, p. 24)

Nas últimas décadas, a população brasileira tem buscado qualificar-se para competir no mercado de trabalho. Porém, parte dela não concluíram seus estudos devido a fatores como evasão escolar e dificuldade de conciliar trabalho e estudo. Dados apontam que a inserção do indivíduo no mercado de trabalho é um dos motivos de abandono escolar. Nesse sentido, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2016) apontam que a taxa de evasão escolar no ensino fundamental é de 7,7% (9º ano do ensino fundamental), porém essa porcentagem é maior no ensino médio 8,8 % (3º ano do ensino médio). É perceptível que as séries com maior taxa de evasão são aquelas em que os alunos inseriram-se no mercado de trabalho. Por consequência, esses alunos migram para outras modalidades de ensino como a EJA, conforme apontam dados do INEP (2016).

Portanto, a modalidade de ensino EJA-Educação de Jovens e Adultos busca garantir o direito a todos à educação. É, nesse contexto que realizamos a pesquisa Sociolinguística como uma contribuição para o estudo das variações condizentes com a realidade linguística escolar brasileira.

### 2.3 Informações Gerais da Pesquisa

Neste item, apresentamos a metodologia utilizada na coleta de dados para posterior análise. A metodologia aplicada no estudo segue o modelo Sociolinguístico Variacionista como: seleção dos informantes e coleta de dados e transcrições dos dados e análises.

Para o levantamento do *corpus* da pesquisa, consideramos os informantes/alunos de diferentes faixas etárias, moradores (radicalizados ou não) em bairros da periferia de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul.

A pesquisa embasou-se nos pressupostos teórico-metodológicos de William Labov (1972), conhecidos também como “Teoria da Variação Linguística”, para a análise dos dados referentes ao uso da forma pronominal “nós” e “a gente” presente na fala dos alunos da EJA. Dentre os procedimentos utilizados na pesquisa estão: observação, seleção dos informantes; coletas de dados; transcrição dos dados; seleção das variáveis linguísticas e extralinguísticas.

O estudo foi realizado com alunos da escola municipal Osvaldo Cruz em um bairro da periferia de Campo Grande/MS. Os alunos da escola selecionada apresentam características pertinentes ao nosso estudo.

No que segue, utilizamos para direcionamento de *campo* o manual de pesquisa de Tarallo (1997). Segundo o autor, o pesquisador precisa seguir algumas regras para a obtenção de dados, “uma vez que pretendemos estudar a língua falada em situações naturais de comunicação”, mas tendo o cuidado em não deixar que a presença do pesquisador interferisse na naturalidade da comunicação (TARALLO, 1997, p. 20).

Uma das alternativas descritas pelo linguista, no que se relaciona à mínima interferência na comunicação é a do pesquisador-observador. Assim, as observações ocorreram de maneira contínua na comunidade escolar, de modo que procuramos interagir com os professores e com a coordenação na facilitação e integração com os alunos. Segundo Tarallo (1997, p. 20), “o pesquisador da área da sociolinguística precisa, portanto, participar diretamente da interação”, interessado em toda a comunidade como parte integrante da pesquisa. É de fundamental importância a observação para interagirmos com a comunidade escolar, mesmo que a princípio a nossa presença cause uma certa desconfiança nesta comunidade.

### 2.3.1 Seleção dos Informantes

Os entrevistados são alunos moradores da periferia da cidade de Campo Grande/MS, que são, em sua maioria, migrantes de outros estados ou de cidades do interior do estado de Mato Grosso do Sul. Conforme as entrevistas, ficou evidente que os indivíduos acima de 30 anos não eram nascidos em Campo Grande.

Para investigar o uso de ‘nós’ e ‘a gente’, realizamos entrevistas com dezoito informantes, nove do sexo masculino e nove do sexo feminino, todos acima de quatorze 14 anos, contemplados pela modalidade EJA de ensino, de modo que dividimos os informantes em três grupos por faixas etárias: grupo 01 de 15 a 29 anos, grupo 02 de 30 a 45 anos e grupo 03 de 46 a 60 anos, perfazendo um total de 18 informantes. Sendo três informantes de cada grupo selecionado, distribuídos entre homens e mulheres e, desse total, transcrevemos somente os dados mais pertinentes ao nosso estudo.

Nas entrevistas, pedimos que os alunos relatassem suas histórias e os momentos marcantes de sua vida, com o intuito de resgatar, preferencialmente, a primeira pessoa do plural. De acordo com Labov (1972), os relatos sobre experiências vividas fazem com que o falante não se preocupe com o modo de falar, e sim com o que falar, aproximando-se da língua vernácula.

Os informantes foram selecionados por meio de critérios práticos de seleção. Por exemplo, a escola do município pesquisada da EJA oferece somente o ensino fundamental, com as seguintes séries: iniciais I (1º, 2º e 3º) anos, iniciais II (4º e 5º) anos, intermediário (6º e 7º) anos e finais (8º e 9º) anos, distribuídas em dois turnos: vespertino e noturno. Percebemos, portanto, que no turno vespertino e nas séries iniciais (1º e 2º) a faixa etária dos alunos estava entre 40 e 63 anos. Já nas séries intermediárias e finais, entre 15 e 45 anos no vespertino e de 15 a 50 anos no noturno. Uma das características da modalidade de ensino EJA-Educação de Jovens e Adultos é a possibilidade de encontrar alunos de diferentes faixas etárias em uma mesma sala de aula facilitando coleta de dados.

Há de se ressaltar que a maior dificuldade encontrada na pesquisa de campo estava diretamente relacionada ao fator gênero/sexo. Por exemplo, no grupo 3 de 46 a 60 anos, os indivíduos, em sua maioria, são mulheres, e os poucos homens, a princípio, resistiram em participar da pesquisa. Os integrantes do grupo em questão têm uma peculiaridade em narrar os fatos vivenciados, pois revelam suas experiências pessoais como se o entrevistador conhecesse as pessoas e os fatos relatados, dificultando a compreensão da narrativa.

Os informantes são trabalhadores que foram pressionados pelo mercado de trabalho pela busca de qualificação e conclusão do ensino fundamental e do médio. Alguns informantes são internos de “casas de recuperações”, outros, cumprindo medidas “socioeducativas”. Em alguns momentos, ficamos impactados e emocionados com suas narrativas de vida. E assim, o informante acredita que, ao voltar para a escola, ele pode mudar sua vida e de sua família.

### **2.3.2 Coleta do *Corpus*: Entrevistas**

O objetivo da pesquisa consistiu em estudar a língua falada em contexto natural de interação entre pessoas, de modo que precisamos adequar a nossa fala de acordo com a dos nossos informantes. Segundo Tarallo (1997, p. 19), “a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressões de fatos, preposições, ideias (o que) sem a preocupação de como enunciá-los”. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, como enunciação.

Seguindo as ideias do autor, adotamos o método de coleta de narrativas pessoais dos informantes, formulados por roteiros de perguntas “os estudos narrativos de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o que relata que presta o mínimo de atenção ao como”. A presença de um gravador, no nosso caso o celular, causa no informante efeito contrário e negativo ao natural em situação de fala.

Segundo Tarallo (1998, p. 30), as situações de coletas são “como elemento estranho à comunidade, não será muito fácil chegar ao vernáculo imediatamente”. Certamente, como o questionário-guia pessoal tende a minimizar esses efeitos, adequamos o questionário conforme as narrativas e atitudes dos informantes na tentativa de aproximar o diálogo de forma natural.

As entrevistas foram realizadas na escola, de maneira informal, sem a interferência de outrem durante as entrevistas, e assim, estabelecemos que cada entrevista teria de seis a oito minutos de duração. Porém, os informantes estavam livres para narrar suas histórias pessoais como: trabalho, família, idade etc., o que dificultou a delimitação de tempo das entrevistas.

Na organização do *corpus*, levantamos todos os usos linguísticos e extralinguísticos, referentes às variáveis pronominais ‘nós’ e ‘a gente’, presentes nas amostragens coletadas. Utilizamos como direcionamento “as normas para transcrição de entrevistas gravadas”, de autoria de Dino Preti (1999), como modelo de transcrição.

Assim, propomo-nos à sistematização das variáveis linguísticas próprios da língua vernácula presentes nas turmas do ensino fundamental das séries: Iniciais, Intermediário e Finais, para averiguação do uso da forma variante pronominal ‘nós’ e ‘a gente’, presentes nos

falares dos alunos da modalidade EJA. Para tanto, analisaremos os dados linguísticos e extralinguísticos, previamente selecionados da língua falada, que condicionam de algum modo o uso de uma variante sobre a outra.

### **2.3.3 *Corpus* Selecionados: Grupos de Fatores Controladores**

Partindo do princípio de que todas as línguas possuem um sistema dinâmico, variável, foi necessário identificar os contextos linguísticos e extralinguísticos que favoreciam o uso das variantes em questão. Para isso, selecionamos os grupos de fatores (variáveis) independentes que possibilitariam a verificação das hipóteses em relação ao fenômeno linguístico em estudo.

Com base nos dados apresentados, descrevemos o fenômeno linguístico em variação entre ‘nós’ e ‘a gente’ e selecionamos os seguintes fatores linguísticos: concordância verbal; sujeito implícito e explícito; paralelismo formal. Entre os fatores extralinguísticos (sociais), levamos em conta: fator sexo, faixa etária e escolaridade. A seleção desses fatores permite verificar e analisar a variação pronominal e quais os aspectos sociais mais relevantes para o estudo.

No que se refere à variável por gênero/sexo, em relação à diferença de fala entre os homens e mulheres, consideramos uma das hipóteses propostas por Labov (1964), em que as mulheres de um modo geral são mais sensíveis ao prestígio social das comunidades de fala a determinados usos linguísticos. Na implantação das formas socialmente prestigiadas da língua, as mulheres assumem uma postura diferenciada no processo de mudança. Nas formas menos prestigiadas, estigmatizadas, elas são mais conservadoras em relação aos homens, esses são mais propensos a mudanças inovadoras.

Em relação à variação por faixa etária, consideramos os autores como Omena (1986), e outros, que atestaram que os falantes mais jovens são propensos a usarem a forma ‘a gente’ inovadora, enquanto os mais velhos privilegiam a forma ‘nós’ conservadora.

No entanto, à variação social referente à escolaridade não foi considerada para análises, devido ao fato de todos os informantes estudarem no ensino fundamental. Entretanto, a variável por escolaridade tem um papel importante para os estudos sociolinguísticos em que o fator escolaridade pode demonstrar o comportamento social dos indivíduos na aceitação ou resistência às mudanças linguísticas.

Dessa maneira, sabemos que a escola, de modo geral, tem como base de ensino tradicional de língua portuguesa pautado na “aquisição” das formas de prestígio com a finalidade de “combater” as formas estigmatizadas socialmente. Pois, mesmo com os avanços

da ciência da linguagem, o ensino de língua portuguesa pelos meios educacionais está caminhando lentamente ao que postula os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) sobre o ensino das variações condizentes como a diversidade linguística brasileira.

Assim, nas análises das formas pronominais ‘nós’ e ‘a gente’, na primeira pessoa do plural, foram verificadas e sistematizadas todas as ocorrências pronominais, de acordo com pesquisas Sociolinguística Variacionista com base nos dados das amostragens.

No próximo capítulo, abordaremos as análises dos dados e os resultados obtidos por intermédio do *corpus* selecionado.

## CAPÍTULO 03 – ANÁLISES DOS DADOS E RESULTADOS OBTIDOS

### 3.1 Dados Gerais Linguísticos e Extralinguísticos

Neste capítulo apresentamos as análises e os resultados do *Corpus* selecionamos por intermédio das narrativas pessoais, coletados com dezoito informantes sendo nove do sexo masculino e nove do sexo feminino, matriculados no ensino fundamental na modalidade EJA-Educação de Jovens e Adultos. Entrevistamos informantes acima quatorze anos, divididos em três grupos: o primeiro de 15 a 29 anos, o segundo de 30 a 45 anos e o terceiro de 46 a 60 anos.

E assim, separamos em grupos mais significativos de acordo com as variáveis selecionadas, observando quais os fatores que condicionam ou pressionam o uso das variações pronominais ‘nós’ e ‘a gente’, e, assim, selecionamos os dados levantados pertinentes ao estudo, condicionados por fatores linguísticos e extralinguísticos obtidos por meio de transcrições.

Os dados serão apresentados por gráficos e tabelas de acordo com as necessidades de apresentações e comparados com outros estudos (já citados) relacionados com o *corpus* em questão. Dessa maneira, aprofundamos a frequência das ocorrências das variantes, concorrentes entre si, para verificarmos quais os condicionadores linguísticos e sociais escolhidos para a análise, de modo que respaldamos os dados em resultados quantitativos e analisamos os condicionantes que favoreceram ou não as ocorrências das formas pronominais ‘nós’ e ‘a gente’, que disputam a expressão de uma variável ou de outra.

No item seguinte, adentraremos as variações internas da língua e os fatores condicionantes no uso pronominal ‘nós’ e ‘a gente’ na função de sujeito.

#### 3.1.2 Variáveis Linguísticas Internas

As variáveis internas à língua podem ocorrer em diferentes níveis linguísticos, tais como: variação lexical; variação fonológica; variação sintática etc. Os condicionadores internos são aqueles inerentes à língua, ou seja, próprios do sistema linguístico podendo variar ou não.

Em tal contexto, quando falamos em variação linguística, pensamos no nível lexical associado à variação regional (diatópica). O estudo das variações regionais (diatópicas) foi realizado em todo o território brasileiro, contribuindo com o estudo da variação lexical. Dentre os estudiosos da variação lexical no Brasil está o filólogo Antenor Nascentes (1950), o primeiro a propor um mapa linguístico do português brasileiro.

Contrariando o estudo do léxico, o pronome ‘a gente’ é um fenômeno linguístico que ocorre em todas as regiões do Brasil, isto é, não é específico de determinada região brasileira que chamamos de variação diatópica e, também não podemos considerá-la como uma variação diastrática de determinadas camadas sociais.

A variação linguística ‘a gente’ acontece internamente a língua na esfera do morfema e, assim, podemos considerar como uma variação morfológica. Segundo Coelho “se a variável escolhida for a alternância entre os pronomes ‘tu’ e ‘você’ ou entre ‘nós’ e ‘a gente’, como já vimos em (d), temos um caso de variação morfológica” em que a alternância se dá apenas na forma pronominal (COELHO, 2015, p. 28), o que não pode ser confundida com a variação morfossintática de interface, em que ocorre a variação em dois ou mais níveis gramaticais. Porém, a variável ocorre somente na forma da 1ª pessoa do plural. Logo, a variação pronominal ‘nós’ alternada por ‘a gente’ é uma variação morfológica que ocorre somente na forma da 1ª pessoa do plural.

Sabemos que a variação interna se dá em todos os níveis linguísticos, sendo assim, analisamos os níveis linguísticos pertinentes às variantes pronominais ‘nós’ e ‘a gente’ para o andamento do estudo.

Nesse estudo consideramos somente a forma pronominal ‘nós’ e ‘a gente’ na função de sujeito. De modo que, analisamos as variações referente e a concordância verbal mais utilizadas pelos indivíduos pesquisados.

### **3.1.3 Variável Concordância Verbal**

As variações não acontecem de um dia para o outro de maneira aleatória ou desorganizada, assim a variável concordância verbal demonstrou-se significativa para as análises linguísticas. Estudiosos da Sociolinguística como Lopes (1999) e Vianna (2006) apontam que a forma pronominal ‘a gente’ é propensa a ocorrer na 3ª pessoa do singular.

Em relação à concordância verbal, analisamos algumas possibilidades de usos das formas pronominais ‘nós’ e ‘a gente’ na posição de sujeito retirado do *corpus* pesquisado. E, então, separamos três possibilidades de concordância verbal entre as formas pronominais.

Vejamos alguns exemplos:

**1) Variável concordância verbal ‘a gente’ na forma da 3ª pessoa do singular.**

- a) “**a gente vai** pra casa de umas colegas no fim de semana.” (M. A. S – F – 19 anos)
- b) “**a gente vai** jogar bola no campinho perto di casa.” (L. M – M – 25 anos)
- c) “**a gente foi** pra casa com a minha tia”. (V. A. S – F – 23)

Nos exemplos a, b e c apresentados os informantes flexionaram os verbos (vai, vai, foi) na 3ª pessoa do singular, confirmando estudos relacionados de autores como Omena (1986) entre outros, em que afirmam que a forma “a gente” tende a chamar o verbo para a 3ª pessoa do singular. Desse modo, houve um predomínio da variação “a gente” no *corpus* selecionados conjugado na 3ª pessoa do singular.

**2) Variável concordância verbal ‘nóis’ na terceira 3ª do singular.**

- d) “**nóis vai** trabalhar em salão de cabelereiro.” (L. C. S – F – 22 anos)
- e) “**nóis era** da mesma escola desde pequeno.” (J. A. S – M – 28 anos)
- f) “**nóis busca** trabaio mais tá difícil” ( P. O – M – 52 anos)

Nos exemplos acima, é interessante observar que os informantes utilizaram uma outra variante “nóis” representando a forma ‘nós’ na 1ª pessoa do plural, mas conjugando o verbo 3ª pessoa do singular. A variação ‘nóis’ na oralidade é uma marca social estigmatizada, porém a expressão é muito usada pelos jovens, a exemplo, ‘é nóis’ como símbolo de pessoas “descoladas” pertencentes a determinados grupos sociais. Mas de um modo geral a variação ‘nós’ ou ‘nóis’ conjugada na 3ª pessoa singular, diferentemente da forma ‘a gente’ é considerada pelo meio social como uma forma estigmatizada, ou seja, de pessoas não escolarizadas.

**3) Variável concordância verbal de ‘nós’ na forma verbal na 3ª pessoa do plural.**

- g) “**nós** somos do interior do estado.” (J. A. L. – M – 40 anos)
- h) “**nóis** vamos morar com minha avó.” (R . V. S. – F – 18 anos)
- i) “**nós** conseguimos um carro pra ir de férias com a família” (C. S – 48 anos)

Os resultados das análises da variável concordância verbal aproximam-nos dos estudos sociolinguísticos (já citados anteriormente) em que a forma ‘a gente’ foi mais usada com a concordância na 3ª pessoa do singular. Nos exemplos acima, verificamos a forma ‘nós’ na função de sujeito, flexiona o verbo para a 1ª pessoa do plural, em um total de seis ocorrências.

As análises de concordância verbal, no uso do pronome ‘nós’ com o verbo conjugado na 3ª pessoa do singular mostraram-se significativa, ficando evidente a dificuldade dos informantes matriculados no ensino fundamental da escola pesquisada, em conjugar o verbo de acordo como o pronome.

Vale ressaltar que, a princípio, seguimos o exemplo de outros estudos em que descreviam a variante ‘a gente’ como a mais falada pelos indivíduos e observada em todas as esferas sociais, a qual não sofria estigmatização como outras variantes coloquiais. Porém, observamos que o pronome ‘a gente’ falado em determinados contextos pode sim sofrer preconceito linguístico. A exemplo, da expressão “a gente vamos” ou ainda “a gente fomos” geralmente é pronunciada por indivíduos analfabetos ou com pouca escolaridade.

É preciso salientar que as escolas abordam o uso do pronome ‘nós’ na função de sujeito de maneira descontextualizada da realidade linguística brasileira, em que a forma ‘a gente’ é empregada com o mesmo sentido. Neste contexto, Seara (1997, p. 18) argumenta que não se vê na escola nenhum exercício escrito em que conjugue a forma *a gente* de maneira adequada. Para a autora “esta variante nem mesmo consta da lista de pronomes das gramáticas”.

Porém, se partimos do princípio de que as escolas deveriam ensinar a conjugar a forma ‘a gente’ como forma de amenizar o estigma da variação, então o que acontece com a forma ‘nós’ normatizada pela escola em que o informante reproduz, a exemplo, “nóis vai” e “nóis ia” conjugado na 3ª pessoa do singular? Desse modo, consideramos que não é somente uma questão de ensinar a conjugar as duas formas pronominais, mas de apropriação do uso da linguagem, em que os indivíduos podem fazer escolhas linguísticas apropriadas a determinados contextos sociais tanto na forma escrita quanto na oral.

Assim, de um modo geral quanto mais escolarizados forem os indivíduos, mais se aproximam da forma ‘nós’, ou seja, a variante padrão que é ensinada no contexto escolar. Assim, nas análises dos dados não observamos a variação ‘a gente’ conjugada na 1ª pessoa do plural, na fala dos informantes. Porém, as turmas do ensino fundamental da escola pesquisada demonstraram dificuldades em relacionar o pronome com o verbo, indiferente da forma pronominal ‘nós’ ou ‘a gente’.

### 3.1.4 Variável Dependente: Sujeito Implícito e Explícito

Nas variáveis dependentes consideramos como variação o uso alternado de ‘nós’ e ‘a gente’ na função de sujeito, ocorrendo tanto na forma implícita quanto na explícita. Dessa maneira, consideramos quatro possibilidades das variantes na função de sujeito:

**4) Explícito (nós)** – O sujeito ‘nós’ explícito com o verbo na 1ª pessoa do plural, exemplos:

- a) “**nóis** somus im dozi” (C.S. – M – 38 anos)
- b) “**nóis** ficamus na casa de apoio” (D.A. – F – 54 anos)
- c) “**nóis** pescava no rio perto de casa” (R. L – F – 45 anos)

Com relação ao sujeito explícito como observamos nos exemplos 1, 2 e 3, que os informantes utilizaram com mais frequência a variante ‘nós’ conjugando o verbo na 1ª pessoa do plural. Assim, quando o falante escolhe a expressão “nós” há uma maior probabilidade de conjugar o verbo no plural

**5) Implícito (nós)** – O sujeito implícito com o verbo na 1ª pessoa do plural.

- d) “...o pescador contra turista...aí veio um pessoal du da diretoria da ponti preta...**começamus** joga aí começou a gosta du meu jogu i ficou de eu pescar com ele...” (C. S. – M – 38 anos)
- e) “aí depois do jogo **fizemus** uma festa na casa de um amigu nossu...aí conheci essa mulhe essa também né...eu já tava com a ideia de vim embora logo.” (C.S. – M – 38 anos)
- f) “ muito tempo depois **buscamos** a minha mãe” ( L. S – F – 29 anos)

Como observamos nos exemplos: d) (nós) começamus, e) (nós) fizemus e f) (nós) buscamos, os informantes usaram a variante ‘nós’ implícita com o verbo na 1ª pessoa do plural.

6) **Explícito (a gente)** – Sujeito explícito com o verbo na 3ª pessoa do singular:

- g) “**a gente** gosta de passear com os amigos” (J. S – M – 25 anos)
- h) “**a gente** é conhecida no bairro” ( R. A– F – 28 anos )
- i) “**a genti** saiu da festa já tarde” ( L. N – M – 23 anos)
- j) “**a genti** vai pra Eldorado...da cidade eu vim de lá e pra Rondonópolis que **a genti** vai sempre também” (N. P. S – M – 39 anos)

Nestes exemplos, os informantes utilizam a variante “a gente” explícita com o verbo na 3ª pessoa do singular.

Os dados analisados demonstraram um equilíbrio nas variações ‘nós’ e ‘a gente’ explícitas em aproximadamente 45% da forma ‘nós’ e 50% ‘a gente’ com utilização do verbo na 3ª pessoa do singular. Em relação à forma ‘a gente’ com o verbo na primeira pessoa do plural, não foi encontrada na amostra selecionada.

Para compreendermos melhor a questão, comparamos com o estudo realizado por Bueno (2003, p. 43), em que a forma ‘a gente’ explícita com o verbo na 1ª pessoa do plural, e na função de sujeito ocorreu somente em dois casos “enunciados por informantes analfabetos, da segunda faixa etária, e outro da terceira faixa etária” relacionada com a falta de escolaridade do informante. No presente estudo, uma das hipóteses da não ocorrência da forma ‘a gente’ explícita com verbo na 1ª pessoa do plural, por exemplo, da expressão “a gente fomos” pode estar relacionada com o grau de escolaridade, todos os informantes estudantes do ensino fundamental. Diferentemente do estudo realizado por Bueno (2003), em que os informantes boias-frias eram analfabetos.

As análises linguísticas apontaram que os indivíduos ao utilizarem a forma pronominal ‘nós’, apresentam dificuldades em flexionar os verbos adequadamente conforme a norma padrão gramatical ensinada na escola.

### 3.1.5 Variável Paralelismo Formal

Uma das possibilidades de análise linguística interna a língua é a variação por paralelismo formal. Estudiosos da linguística têm considerado o paralelismo formal das variáveis como significativas para a análise do português vernáculo brasileiro, como Omena (1991), Scherre (1988/1992) e Lopes (1993). Podemos considerar que “tal variável consiste na

tendência de o falante repetir uma mesma forma numa sequência discursiva, seja dentro de um sintagma, seja entre orações” (BUENO, 2003, p. 52).

Conforme Lopes (1998, p. 42), “É como se o falante ‘optasse’, num processo cognitivo, por repetir a mesma forma enquanto mantém o mesmo referente, ao passo que mudará quando o referente for outro. A questão principal a ser considerada em relação ao paralelismo formal está em saber se o fenômeno paralelismo ‘é um processo de natureza formal ou funcional’” (BUENO, 2003, p. 52).

Desse modo, partimos do princípio estabelecido por Lopez (1993, p. 44), referindo-se a Scherre (1999), considera que em uma sequência discursiva entre os pronomes/sujeitos ‘nós’ e ‘a gente’, tanto explícitos quanto implícitos, esses podem ocorrer dentro de um certo limite, “de dez orações sem a intercalação do documentador”. Portanto, consideramos como estruturas paralelas os seguintes exemplos:

### 1) Primeira referência numa sequência sem a intercalação de outra oração:

No exemplo abaixo, o falante utiliza a forma ‘a gente’ sem a intercalação de outra oração em uma sequência discursiva, ou seja, ao escolher o primeiro referente ‘a gente’ conseqüentemente repetirá na sequência.

- a) “...é pra mim foi muito ruim, porque estava acostumadu a trabaiar desde novinho criança, aí derepenti tem que fica... depara com uma coisa não é (...) não é porque **a genti** qué é porque **a genti** não podi mesmu...é ruim né **a genti** tem que se adapta né...e toca a vida” (N. P. S. – M – 39 anos)

### 2) Na forma isolada ‘nós’ e ‘a gente’:

Como veremos nos exemplos 2 e 3, em que os falantes usam a formas ‘nóis’ e ‘a gente’ de maneira isolada em uma sequência discursiva.

- b) “não **nois** somus im dozi.” (C. S. – M – 38 anos)
- c) “até esqueço dele ((risos)) quando eu chego em casa (...) e que ele já está um pouquinho meio (...) quer dizer eu também não estou nova nê...mas ele tá (...) que é as dores que ele sente muito dor ele está com dores na coluna...está com problema

na coluna e ele fica assim desinquieto...daí tudo que eu vou falar já acha que é motivo pra briga...já me responde mal....aí **a gente** começa a discuti.” (D. A. – M – 54 anos)

### 3) Na forma antecedente ‘nós’ e ‘a gente’:

Nos exemplos a seguir, o informante usa a forma antecedente ‘nós’ e ‘a gente’ entre orações em uma sequência discursiva.

d) “...porque primeiro **nois ficamus** lá num...numa casa de apoio (...) lá chama casa de apoio...i a mulher daqui que arrumou pra **nois í**...falou pra **nois** qui...**nois ia** lá na casa de apoio...” (D. A. – M – 54 anos)

e) “...purque eu...purque não estudei? purque **a genti** morava nu interior nê...era muito difícil iscola naquela epuca...então um **a genti**...naquela epuca não estudo...aí depois muito tempu **a genti** foi pra cidade... aí **a genti** tinha qui trabalhã...pra sobrevive nê... purque num era fácil...dipois eu...eu muito tempu eu...” (L. O. – F – 60 anos)

### 4) Nas formas repetidas idênticas:

Em alguns casos como observamos abaixo, os informantes usam formas repetidas idênticas explícita em uma sequência discursiva entre orações.

f) “...ahn **a genti**... não **a genti** brin...brincava com...só com as crianças dus vizinhos das mininas brincava...com os irmaus **a genti** não brincava (...) diferenti meninos perto dos pais meninas com a mãe ehn antigamente era tudu diferenti né...” (L. A. O – F – 60 anos)

g) “é que **nois** morava em Murtinhu mesmu...**nois** marava pra baixo pouco no ribeirinho...então a minha vida inteira quase foi a pescaria mesmu...esse rio ai graças a deus conheci tudu...” (C. S. – M – 38 anos)

No exemplo abaixo, o falante utiliza a forma ‘a gente’ como primeira referência para descrever a família, incluindo-se no contexto. E na sequência utiliza mais três vezes a forma ‘a gente’, nas duas primeiras sequências a informante mais a família, e na última a informante

mais toda a família, incluindo a sua neta. A informante relata que se reúne com toda a família (Informante + filhos + netos) nos finais de semana para almoçar.

- h)** Ex.: “**a gente faiz** um almoço no domingo...daí eu chamo meus filhos meus netos vai tudu mundo pra casa...aí **a gente** faiz um almoço...aí **a gente** faiz ah...no domingo passado foi aniversário da minha neta mais velha ela foi lá pra casa...**a gente** feiz um uma surpresa pra ela...entendeu?” (...)

Nas análises dos dados, com relação ao fenômeno paralelismo, considera-se uma série discursiva dos pronomes/sujeitos ‘nós’ e ‘a gente’ em que se inicia um enunciado de “primeira referência”, e no uso geral das formas em uma sequência discursiva houveram um maior favorecimento para o uso da forma “a gente” na 3ª pessoa do singular. No entanto, observamos que o informante ao escolher uma das formas como “primeira referência” tanto ‘nós’ quanto ‘a gente’ “influenciará no uso das formas subsequentes, pois o falante tende a repetir a mesma forma numa sequência discursiva” (BUENO, 2003, p. 56).

Por fim, nas análises realizadas, consideramos a variável paralelismo formal como um processo funcional em que o informante opta por escolher uma das formas subsequentes para determinados propósitos específicos, de maneira que “a repetição de uma forma é um fator de coerência textual bem como de manutenção de atitude”, desse modo, a mudança da forma ‘nós’ para ‘a gente’, ou vice-versa, pode acarretar uma mudança de atitude (GRYNER, 1990. p. 57).

### 3.2 Variáveis Extralinguísticas

As variações podem ocorrer por fatores extralinguísticos a língua, esses fatores são de grande importância para os estudos sociolinguísticos. Vale ressaltar que esses fatores não estão isolados da “dimensão interna da variação, normalmente, o que ocorre é uma combinação dos fatores que condicionam a forma com que falamos” (COELHO, 2015, p. 37). A variação externa social ou diastrática é condicionada por fatores como: grau de escolaridade, nível socioeconômico, sexo e faixa etária. Nos itens abaixo, analisamos a influência dos condicionadores linguísticos: gênero sexo e faixa etária.

### 3.2.1 Variável por Fator Sexo

Em um estudo sobre o aspecto social da variação, o fator sexo masculino e feminino tem um papel importante no processo de mudança linguística. Homens e mulheres falam de modos diferentes, não somente em relação ao timbre da voz grave ou aguda, mas também no nível linguístico. Assim sendo, “as diferenças mais evidentes entre a fala de homens e a de mulheres se situam no plano lexical. Parece mais natural admitir que determinadas palavras se situam melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher” (MOLLICA, 2004, p. 32). É bem verdade que nas sociedades ocidentais essas diferenças, ao longo dos tempos, sofreram mudanças acentuadas, uma vez que homens e mulheres cada vez mais utilizam os mesmos vocabulários no desempenho de seus papéis sociais.

Segundo Labov (2008, p. 347) “parece provável que o ritmo do processo e a direção da mudança linguística devem muito à especial sensibilidade das mulheres a todo o processo”. Mas, segundo o autor, é um grave erro formular que as mulheres lideram o curso da mudança linguística. Em determinados contextos de fala, os homens lideram o processo de mudança, a exemplo, a centralização de /ay/ e /aw/ na ilha de Mathas’s Vineyard, em que os homens tenderam à inovação, e não as mulheres.

Por isso, adotamos como base teórica o estudo da Variação e Mudança Linguística de cunho laboviano, assim, buscamos verificar a constância de uso entre os pronomes ‘nós’ e ‘a gente’ apresentados na fala dos informantes do ensino fundamental da modalidade EJA, mas também se o fenômeno em variação correspondente está estável ou em um processo de mudança linguística.

Observe no gráfico 01, as porcentagens dos dados gerais de uso das formas “nós” e “a gente”, em relação ao condicionante gênero sexo.

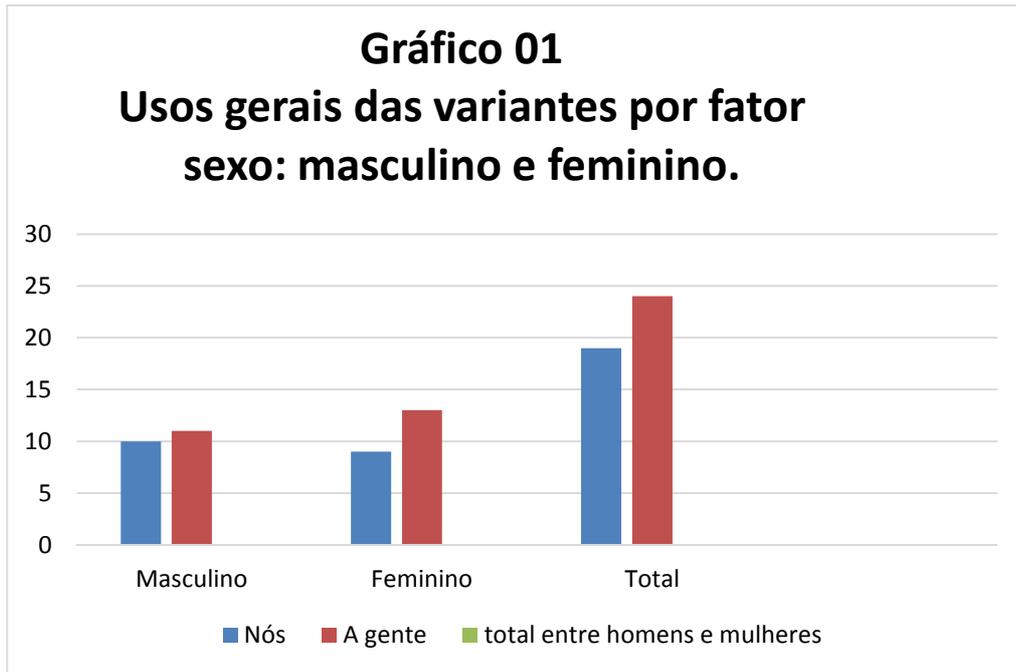


Gráfico 01 – As análises gerais, na utilização das formas pronominais ‘nós’ e ‘a gente’ em relação ao fator sexo do falante, atestaram que no uso geral entre homens e mulheres predominou o uso da variante ‘a gente’ em 60%, enquanto a variante “nós” em 48% do total pesquisado. As mulheres são mais inovadoras em relação aos homens no uso da forma ‘a gente’, essa inovação pode estar associada ao fato de serem mais comunicativas. Em relação ao sexo masculino houve, entre os homens, uma tendência maior no uso da forma ‘nós’ em 15% a mais que as mulheres. Apesar dos dados demonstrarem maior uso da variante ‘a gente’ pelos indivíduos, consideramos que não há uma relação entre forma pronominal e o sexo do informante.

Omena (1996, p. 14) diz que o uso do pronome ‘nós’ é mais frequente entre os homens, enquanto a forma ‘a gente’ inovadora está sendo utilizada pelas mulheres, confirmando os dados obtidos com o presente estudo em que as mulheres utilizaram mais a forma ‘a gente’ inovadora do que a forma ‘nós’ conservadora. As duas variantes apresentam estabilidade entre a forma padrão e a não padrão, de modo que fica evidente o processo lento de mudança linguística. Os estudos divergem em relação ao condicionante gênero sexo, mas de modo geral, os homens apresentaram um certo conservadorismo em relação as mulheres.

No grupo 03 (46 a 60) anos, mostrou-se significativo entre homens e mulheres de mais idade, esses são mais propensos à variação conservadora ‘nós’ em lugar da forma inovadora ‘a gente’, uma pequena vantagem para os homens. O uso entre os informantes (masculinos e femininos) mais jovens demonstrou-se significativo em relação às variantes ao pronome

inovador. Segundo Labov (1962), a mudança linguística ocorre quando os mais jovens utilizam a forma inovada em detrimento aos mais velhos. Desse modo, o estudo não demonstrou que os mais jovens utilizam exclusivamente a forma inovadora ‘a gente’, mas sim a alternância entre as duas formas pronominais.

É importante observar que os informantes, tanto masculinos quanto femininos, utilizam as duas formas alternadas no mesmo enunciado com uma porcentagem de 60% do total dos informantes pesquisados. Ou seja, as duas formas apresentaram-se estáveis, o que diferencia a utilização das formas pronominais está na hipótese de que os pronomes são escolhidos conforme a inclusão das pessoas envolvidas nas narrativas do informante, deste modo o pronome ‘nós’ representa determinados indivíduos (restrito) e a forma ‘a gente’ refere-se a todas as pessoas de um modo geral. Independentemente do sexo masculino ou feminino, a forma ‘nós’, na função de sujeito, está ligada a indivíduos próximos ao falante (eu + ele (a) = nós), o informante fala em um tom mais íntimo, como observamos nos exemplos abaixo:

### 1) Falantes do sexo masculino:

- a) “**a genti** já sai tarde do serviço e não dá pra chegar no horário na escola” (N.P – M – 28 anos)
- b) “foi muito...sofrido a nossa infan...infancia pra **noís**...e que **noís** não morava em Murtinhu mesmu...**noís** marava pra baixo pouco no ribeirinho...então a minha vida inteira quase foi a pescaria mesmu...esse rio ai graças a deus conheci tudu” (C.S. – M – 38 anos)
- c) “a gente busca estuda para ter um futuro melhor” (L. S – M – 42 anos)

### 2) Falantes do sexo feminino:

- d) “...ahn **a genti**...não a genti brin...brincava com...só com as crianças dos vizinhos das meninas brincava...com os irmaus **a genti** não brincava (...) diferenti meninos perto dos pais meninas com a mãe ehn antigamente era tudu diferenti né...” (L.A.O. – F – 60 anos)
- e) “...éh... eu acho que eu ...acho que foi que eu fiquei muito nervosa... porque primeiro **nois ficamus** lá num...numa casa de apoio (...) lá chama casa de apoio...i a mulher daqui que arrumou pra **nois í**...falou pra **nois** qui...**nois ia** lá na casa de apoio...qui ia que ia mandar dinheiro...qui ia se...tudo tudu (...) **nois ia** ser tratado do mesmu

jeito que aqui (Campo Grande)...**noís** quando chegamos lá...menina do céu...**noís ficamus** na casa de apoio...da sete horas tinha que entra pra dentro...se não **noís ficava** pra fora... i **a gente** num tinha liberdade pra nada na casa...i lá era sopa todo dia...meu marido não genta mais nem vê fala em sopa (( risos)) dá i...**noís ficamu** lá quase três mês...rapaiz meu marido ficou magro mas ficou um...pa..palitinho que não comia de jeito nenhum...” ( D. A – F – 54 anos)

f) “a gente costuma sair no final de semana pra se divertir” (J. L – 22 anos)

Os resultados obtidos confirmaram a teoria laboviana de que as mulheres são mais sensíveis a mudanças linguísticas, de modo que, no uso geral das formas, a variante ‘a gente’ entre elas foi maior. Porém, as diferenças ente os pronomes podem ser pequenos, como ficou evidente no estudo de Bueno (2003, p. 76), em que as variáveis pesquisadas demonstraram que não existe relacionamento entre a forma e o sexo do informante, porém no que consta “a conjugação do sexo com a faixa etária mostrou-se relevante” para a aplicação das regras. A autora confirma que os dados obtidos demonstraram que “aos mais velhos, tanto homens quanto mulheres, usam mais acentuadamente a forma ‘nós’. O que ficou evidente no estudo com informantes da EJA, em que os homens e as mulheres de mais idades optaram pela forma conservadora ‘nós’.

Assim, o grupo o qual o falante faz parte pressiona o uso de determinada variação linguística, de modo que “a análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas, como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala”. (MOLLICA, 2004, p. 35)

Como já falamos anteriormente, o contexto em que vive o informante pode ou não influenciar o uso de certas variantes no que se refere ao fator sexo. Os informantes pesquisados são pessoas simples do interior ou da zona rural, trabalhadores em empregos braçais e donas de casas, ou seja, apesar de viverem em uma sociedade ocidental com direitos iguais, o fator escolaridade é determinante para a igualdade de gêneros. De modo que homens e mulheres escolarizados apresentam pequenas diferenças de vocabulários, apesar de pronunciarem de modo diferente, enquanto aqueles que têm pouca escolaridade, o fator sexo, masculino e feminino, é marcado por pressões sociais como discriminação devido ao papel que cada gênero representa na esfera social em que vivem. A exemplo, mulher não fala palavrão ou usa determinados vocábulos considerados masculinos.

A variante inovadora ‘a gente’ não sofre pressão social como outras variações estigmatizadas, nem em relação à esfera social nem ao fator sexo. O fator sexo, no uso das variantes pronominais, não demonstrou diferenças significativas entre os homens e as mulheres, mas sim na composição entre o fator sexo e a idade do informante.

Em relação à escolaridade dos informantes, optamos por não considerar, pesquisamos somente os alunos do ensino fundamental. Os informantes do ensino fundamental apresentam diferenças mínimas em relação aos vocábulos linguísticos.

### **3.2.2 Variável por Faixa Etária: Tempo Aparente**

No que diz respeito à variável por faixa etária, em análises sincrônicas (tempo aparente) “é uma variável social muito importante no sentido de indicar se o fenômeno em estudo” (BUENO, 2003, p. 70) apresenta mudanças linguísticas. Assim, verificamos se o uso do pronome ‘nós’ e ‘a gente’ na fala dos alunos da EJA apresentam-se estáveis ou encontram-se em um processo de mudança linguística.

Na análise da mudança em “tempo aparente”, parti da hipótese clássica em que “o estudo atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade” (MOLLICA, 2004, p. 44), de modo que, em uma escala de tempo aparente, os dados obtidos dos informantes de idades diversas são chamados pela autora de “graduação etária” em referência à hipótese clássica.

Desse modo, buscamos referências nos autores (já citados) em relação à variável faixa etária. E, então, partimos da hipótese apresentada por Bueno (2003, p. 71), de maneira que “os falantes mais jovens privilegiam a forma inovadora ‘a gente’, enquanto os mais velhos preferem o pronome ‘nós’, devido ao seu caráter mais conservador”.

Conforme destacamos anteriormente, os informantes foram divididos em três faixas etárias: grupo 1 de 15 a 29 anos, grupo 2 de 30 a 45 anos e grupo 3 de 46 a 60 anos, que possibilitaram verificar a variação em “tempo aparente”, expressão formulada por Labov (1994), em que é observada a mudança em progresso por meio da comparação das variáveis com a faixa etária. Conforme se pode observar na tabela 01:

**Tabela 01** – Dados gerais entre homens e mulheres no uso das formas.

	VARIÁVEIS SOCIAIS	
	NÓS	A GENTE
Grupo 1 - 15 a 29 anos	30%	50%
Grupo 2 - 30 a 45 anos	35%	48%
Grupo 3 - 46 a 60 anos	55%	56%

Com base nos resultados apresentados acima, constatamos que os falantes masculinos e femininos representados pelo grupo 01 de 15 a 29 anos, de modo geral, utilizaram a variante ‘a gente’ inovadora em 50% acima de 30% da forma ‘nós’ conservadora. Em relação ao grupo 2 de 30 a 45 anos, nas utilizações das formas apresentam uma porcentagem entre as formas de 35% para ‘a gente’ e 48% para ‘nós’. No grupo 3 de 46 a 60 anos, 55% para ‘a gente’ e 56% para ‘nós’, de maneira que houve um maior equilíbrio entre as formas.

Portanto, o grupo 03 de 46 a 60 anos mostrou-se significativo entre homens e mulheres de mais idade, tornando-os mais propensos à variação conservadora ‘nós’ em lugar da forma inovadora ‘a gente’, uma pequena vantagem para os homens. Porém, no total entre as formas a maior utilização é da forma ‘a gente’. Como demonstraremos nos exemplos abaixo:

1) **Informantes do Grupo 2 - 15 a 29 anos:**

- a) “é que **nóis** ia na praça conversar e tomar tereré com as meninas do bairro.” (C. A. P – F – 19 anos)
- b) “ah...**a gente** vai com uns colegas no parque indígena passear.” (R. S. A – M – 18 anos)
- c) “nóis precisa trabaia pra sustentar a família né... não dá pra ficar parado.” (L. C. A – M – 25 anos).
- d) “Uh...eu me ajuntei com um rapaz com 17 anos...mas não dei certo...**a gente** casa muito nova e se arrepende né.” (M. A. S – F – 26 anos)

2) **Informantes do Grupo 2 - 30 a 45 anos:**

- e) “**a genti** vai pra Eldoradu...da cidade eu vim de lá e pra Rondonopolis que **a genti** vai sempre também” (N.P.S – M – 39 anos)
- f) “foi muito...sofrido a nossa infan...infancia pra **nóis**...e que **nóis** não morava em Murtinhu mesmu **nóis** marava pra baixo pouco no ribeirinho...então a minha vida inteira quase foi a pescaria mesmu...esse rio ai graças a deus conheci tudu” (C.S. – M – 38 anos)

3) **Informantes do Grupo 3 - 46 a 60 anos:**

- g) “ahn **a genti**... não a genti brin...brincava com... só com as crianças dos vizinhos das mininas brincava... com os irmaus **a genti** não brincava (...) diferenti meninos perto dos pais meninas com a mãe ehn antigamente era tudu diferenti né” (L.A.O – F – 60 anos)
- h) “éh...eu acho que eu ...acho que foi que eu fiquei muito nervosa...porque primeiro **nois ficamus** lá num...numa casa de apoio (...) lá chama casa de apoio...i a mulher daqui que arrumou pra **nois í**...falou pra **nois** qui...**nois ia** lá na casa de apoio...qui ia que ia mandar dinheiro...qui ia se...tudo tudu (...) **nóis ia** ser tratado do mesmu jeito que aqui (Campo Grande)...**nóis** quando chegamos lá...menina do céu...**nóis ficamus** na casa de apoio...da sete horas tinha que entra pra dentro...se não **nóis ficava** pra fora... i **a gente** num tinha liberdade pra nada na casa...i lá era sopa todo dia...meu marido não genta mais nem vê fala em sopa (( risos)) dá i...**nóis ficamu** lá quase três mês...rapaiz meu marido ficou magro mas ficou um...pa..palitinho que não comia de jeito nenhum” (D.A – F – 54 anos)

É importante observar que os informantes, tanto masculinos quanto femininos, utilizam as duas formas alternadas no mesmo enunciado com uma porcentagem de 70% do total de informantes pesquisados, uma das hipóteses para o equilíbrio entre as formas pronominais. Ou seja, as duas maneiras apresentaram-se estáveis, o que diferencia a utilização ou escolha de uma das duas formas está na hipótese de que os pronomes são utilizados de modos diferenciados, de tal modo que o pronome ‘nós’ representa determinados indivíduos (restrito) e a forma ‘a gente’ se refere a todas as pessoas de uma maneira geral. Independentemente do sexo masculino ou

feminino, a forma ‘nós’, na função de sujeito, está ligada a indivíduos próximos ao falante (eu + ele), por isso podemos considerar como uma relação mais íntima.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve por finalidade contribuir para o ensino da variação linguística como parte do ensino-aprendizado de Língua Portuguesa, na compreensão do uso dos pronomes pessoais coerentes com a diversidade linguística brasileira. Nesse sentido, a língua é viva, flexível, evolui no tempo e no espaço, portanto cabe à escola e aos educadores acompanharem essa evolução. Assim, os estudos das variações linguísticas têm contribuído para a desmitificação do português brasileiro como homogêneo e invariável.

Os resultados obtidos nesta pesquisa comprovaram algumas das questões levantadas, a saber, em que medida a variação de ‘nós’ e ‘a gente’ é motivada linguisticamente? E em que dimensão a variação de ‘nós’ e ‘a gente’ é motivada socialmente e está associada à idade ou ao sexo do falante? Por isso, buscamos analisar as variantes pronominais e os condicionadores que de algum modo podem influenciar a maneira de falar dos alunos campo-grandenses, matriculados na modalidade de ensino da EJA-Educação de Jovens e Adultos.

Assim, partimos do princípio de que os informantes utilizam mais o pronome ‘a gente’ no lugar da forma ‘nós’ no contexto escolar, buscamos na leitura embasamento teórico para as análises e comparação dos dados linguísticos e extralinguísticos e constatamos que na fala da comunidade escolar estudada o uso da forma ‘a gente’ apresentou predomínio como era inicialmente a nossa teoria. Desse modo, observamos nas análises entre as formas pronominais uma maior tendência do informante no uso da forma ‘a gente’. Porém, verificamos que os informantes utilizam tanto a forma ‘nós’ quanto “a gente” alternada no mesmo contexto, o que pode justificar o processo lento em que está ocorrendo a mudança linguística.

Nesse sentido, é importante observar que os informantes, em sua maioria, estão inseridos no mercado de trabalho ou aposentados, e os que somente estudam realizam os chamados “bicos”, ou seja, trabalham esporadicamente, o que pode influenciar linguisticamente no uso ou na concomitância entre as formas ‘nós’ e ‘a gente’. A entrada no mercado de trabalho é uma das principais alegações dos informantes para a desistência dos estudos, uma das causas da evasão escolar.

Na análise da variação dependente, sujeito implícito e explícito, os dados gerais demonstraram um certo equilíbrio entre as variações pronominais ‘nós’ e ‘a gente’ explícitas em aproximadamente 45% para a forma ‘nós’ e 50% para ‘a gente’ com utilização do verbo na 3ª pessoa do singular, enquanto na forma ‘nós’ implícita encontramos cinco ocorrências nas análises realizadas. Em relação ao pronome ‘a gente’ explícito conjugado na primeira pessoa do plural não houve ocorrência, a exemplo, “a gente fomos”. Uma das explicações para a não

ocorrência da forma ‘a gente’ explícita está relacionada com o grau de escolaridade dos informantes.

Com relação ao sexo do falante, nas análises gerais da utilização das formas pronominais ‘nós’ e ‘a gente’, atestamos que no uso geral entre homens e mulheres predominou o uso da variante ‘a gente’ em 60%, enquanto a variante ‘nós’ em 48% do total pesquisado, mostrando que as mulheres são mais inovadoras em relação aos homens no uso da forma ‘a gente’, e que essa inovação pode estar associada ao fato de elas serem mais comunicativas.

Por sua vez, houve entre os homens uma tendência maior no uso da forma ‘nós’ em 15% a mais que as mulheres. O fator pronominal e o gênero/sexo masculino e feminino revelaram-se significativo em relação aos falantes mais velhos pertencentes ao grupo 3 de 45 a 60. Homens e mulheres com mais idade são propensos ao uso da variante ‘nós’ conservadora, com uma pequena tendência para os homens.

A categoria por faixa etária da comunidade escolar apresentou-se de modo significativo. Os falantes de mais idade relacionados ao grupo 2 de 30 a 45 anos e o grupo 3 45 a 60 anos empregaram com mais frequência a forma ‘nós’. Enquanto, o grupo 1 de 15 a 29, o estudo apontou um predomínio da forma “a gente” demonstrando que o processo de mudança linguística está ocorrendo de forma lenta, porém constante.

Neste estudo, descrevemos e analisamos a fala dos informantes da comunidade escolar campo-grandense e constatamos que em contextos informais de interação social, o uso do pronome ‘nós’ foi mais utilizado pelos indivíduos acima de 40 anos, enquanto os falantes entre 15 a 40 anos optaram por utilizar a forma inovadora ‘a gente’. Porém, as duas formas ora são concomitantemente, ora não pelos sujeitos dos três grupos pesquisados, dando, então, equilíbrio entre os pronomes em variação.

Embora o uso da forma ‘a gente’ tenha sido mais utilizado pela comunidade escolar de um modo geral, os dados confirmam que mudança linguística da forma inovadora sobre a conservadora está em um processo lento. Como já sabemos, um processo de mudança linguística pode levar anos ou décadas para ocorrer dentro das comunidades de fala e conseqüentemente nas gramáticas normativas. De um modo geral, os informantes matriculadas do ensino fundamental da modalidade EJA-Educação de Jovens e Adultos apresentaram dificuldades em conjugar o verbo com pronome, em relação a a forma ‘a gente’ ficou evidente que os falantes têm uma maior tendência em conjugar o verbo na 3ª pessoa do singular.

Portanto, há várias maneiras de identificação social de uma pessoa, “assim, como os traços físicos ou dinâmicos, a fala se incorpora à identidade das pessoas, trazendo maior ou menor prestígio, no contexto social em que se envolvem” (PRETI, 2003, p. 49). A língua falada

é uma “marca de identificação social”, desse modo não buscamos construir um juízo de valor sobre os falantes da comunidade escolar, mas sim refletir sobre as variações presentes no sistema linguístico brasileiro. É por meio da fala que reconhecemos que a língua evolui no tempo e no espaço.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos – Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000.** Brasília: MEC, 2000.
- BRAGA, M. L. & SCHERRE, M. M. P. **A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro.** In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 1º, 1976. *Anais...* Rio de Janeiro, PUC. p.464-477.
- BAGNO, M. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Gramática de bolso do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa.** São Paulo: Ed. Lucerna, 37ª ed., 1999.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & educação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Manual de Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.
- BUENO, E. S. S. **Nós, a gente e o boia-fria: uma abordagem sociolinguística.** São Paulo: Arte e Ciência/Dourados-MS: UEMS, 2003.
- CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola, 2002.
- COELHO, I. L. **Para conhecer sociolinguística:** São Paulo: Contexto, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

- COSTA, N. S. A. **Língua, Cultura e Sociedade Guató**: universo léxico-semântico da fala indígena. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2002.
- CUNHA, C. F. & CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FARACO, C. A; ZILLES, A, S. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- FERNANDES, E. **Nós e a gente: variação na cidade de Joao Pessoa**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPB, 1996.
- FERNANDES, E. & GORSKI, E. “**A concordância verbal com os sujeitos *Nós e a gente*: um mecanismo do discurso em mudança**”. In: Actas do Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil. Salvador, Instituto de Letras da UFBA, 1986:175-183.
- FREITAS, J. L. et. al. **Nós e a gente na escola**. In: Atas do simpósio sobre a diversidade linguística no Brasil. UFBA, 11 ago. 1986, p. 227-235.
- \_\_\_\_\_. **Nós e a gente em elocuições formais**. In: Estudos linguísticos e literários. Salvador: UFBA, 11 ago. 1991<sup>a</sup>, p. 91-102.
- HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- GRYNER, H. **Variação de tempo-verbal e conexão nas orações condicionais em português**. Tese (Doutorado em Letras). Rio de Janeiro: FL/UFRJ, 1990.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LEITE, Y; CALLOU, D. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- LOPES, C. R. S. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**, Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ,1993.
- \_\_\_\_\_. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. DELTA, v. 14, n. 2, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Pronomes pessoais** (vol. 1, pp. 103-114). São Paulo: Contexto, 2007.
- MACHADO, M. S. **Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”**: variação em dialetos populares do norte fluminense. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1995.
- MOLLICA, M. C; BRAGA, M. (org). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 2ª ed., Rio de Janeiro: Contexto, 2004.
- MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- NARO, A. J. & LEMLE, M. **Competências básicas do português**. Rio de Janeiro: Contexto, 1977.
- NARO, A. J. In: MOLLICA, M. C. **Introdução à sociolinguística variacionista**. 2ª ed., Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 81-87. Cadernos Didáticos da UFRJ.
- OMENA, N. P. **As influências sociais atuantes na variação entre nós e a gente na função de sujeito**. In: Relatório apresentado à FINEP. Rio de Janeiro, 1986 b, p. 104-119.

\_\_\_\_\_. OMENA, N. P; BRAGA, M, L. **A gente está se gramaticalizando**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. OMENA, N. P. **A referência à primeira pessoa do discurso no plural**. In: SILVA, Gisele M. Oliveira; SCHERRE, Maria Marta. (Org.). **Padrões sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p.185-212.

PLANURB – Instituto Municipal de Planejamento Urbano. **Perfil Socioeconômico de Campo Grande/Instituto Municipal de Planejamento Urbano**. Campo Grande, Revista 23<sup>a</sup> ed. 2016. (SITE)

PERINI, M. A. **Sofrendo a Gramática**. São Paulo: Editora Afiliada, 2001.

PRETI, D. **Análise de textos orais**. 2<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Humanista Publicações – FFLCH/USP, 1999. – (Projetos Paralelos: V. 1) 224p.

ROCHA L, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 44<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro, Jose Olympio, 2005.

SEARA, I. C. **Expressão variável do sujeito nós e a gente na fala de informantes florianopolitanos**. Anais do 2<sup>o</sup> Encontro do CELSUL, v. 2, 1997.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1998.

VIANNA, J. B. S. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ. 2006.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZONG. M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.



## ANEXO - 02

## TRANSCRIÇÃO 01

**LOCAL:** Campo Grande/MS    **DATA:** 07/06/2017    **SEXO:** Feminino  
**INFORMANTE:** L.A.O.    **IDADE:** 60    **ESTADO CIVIL:** Casada  
**LOCAL DE NASCIMENTO:** Bahia    **PROFISSÃO:** Costureira  
**GRAU DE ESCOLARIDADE:** Séries Iniciais (II)

**INQUIRIDOR:** Marlene Eliane dos Santos

**TRANSCRIÇÃO:** Marlene Eliane dos Santos

**DATA DA TRANSCRIÇÃO:** 08/ 06/ 2017

**INTRODUÇÃO. (ME)** - Meu nomi é marlene hoji é dia sete de junho di dois mil e dezesete istou aqui na cidade di campu grandi ms vou intrevistar a senhora L.A.

**ENTREVISTADOR (ME)** – oi tudu bem dona L.? quantus anus a senhora tem dona L

L.A.O – sessenta

M.E – sessente anus

M.E – casada né? a sinhora tem algum apelidu?

L.A.O – apelido não

M.E – a sinhora istá no intermediario né?

L.A.O – éhn

M.E – intermediário...só um pouquinho...

M.E – a sinhora sempri morou im campu grandi ou não?

L.A.O – murei...eu murei pertu di Dourados na culonia federal du istadu.

M.E – ahn.. a sinhora nasceu em douradus?

L.A.O – não eu murei lá (...) naci na Bahia ...

M.E – Ahn...

L.A.O – sempri criada aqui nu matu grossu du sul.

M.E – Bahia... a senhora é da Bahia

M.E – legal uma baiana.

L.A.O – baiana

M.E – a sinhoa veio pra campu grandi com quantus anus?

L.A.O – com quinsi anus.

M.E – sinhora e quem?

M.E – senhora veio pra campu grandi com quem?

L.A.O – minha família meu pais meus irmaus....seti irmauss..

M.E – seti irmaus...

L.A.O – bastanti irmaus éhn... ((risos))

M.E – ((risos)) senhora morou im campu grandi di quando a quando?

M.E – desdi?

L.A.O – cheguei aqui com quinsi anus...

M.E – quatus anus mesmu

L.A.O – cincu anus

M.E – quarenta e cincu di casada?

L.A.O – quarinta e cincu anus di casada.

M.E – a senhora tem quantus anus mesmu?

L.A.O – sessenta anus.

M.E – sessenta anus.

L.A.O – achu qui fiz confusão...achu qui fiz quarenta e seis anus...di casada.

M.E – quarenta i seis anus nossA

M.E – ehn quantas pessoas mora na sua casa hoje?

M.E – duas?

L.A.O – eu i meu isposu

M.E – a senhora e seu esposo.

L.A.O – hoji ista fazendu um meis qui minha maisinha morreu...

M.E – seu esposo falou...

L.A.O – até istou com a cabeça meia aturduada qui sufri ( . ) sozinha qui cuidava dela.

M.E – seti anus na cama?

L.A.O – (...) seti anus a cama minha coluna ( )...

M.E – a sinhora carregava di um lado para outro?

L.A.O – sim tinha qui mexe cum ela trocava ixiii

M.E – uhn...

L.A.O – por issu qui vim istuda.

M.E – legal.

L.A.O – qui boum. ( ...) pra num fica parada a coluna i a menti... eu parei di istuda para casa... i eu só estudei ate a ter... a segunda serie... eu num sai da segunda.... naqueli tempu é (...)  
.. não sei não cunsignu acumpanhar nu quadru (...) não cunsignuia acupanhã nê... tinha dificuldade de acompanha...ai eu sempri pensava em di estuda mais ( ) para pude le e pra escreve direito faltando letra nê.... e essi negocio da falta da minha mãe u meu maridu cumecou cum mu..

minha cabeça qui queria muda... queria i pra chacra entendeu? ...quero ve eli sai di campu grande (( Risos))... agura esti animadu..

M.E – (( risos)) esta animadu para estudar?

M.E – a sinhora tem uma profissão ou é dona de casa?

L.A.O – costureira...

M.E – costureira é?

L.A.O – não custurava mais por causa da minha mãe...idade a vista ruim a coluna... a gora não vo aquentá fica oitu anus atrais de uma maquina nê...

M.E – entendi..tem filhos??

L.A.O – tem seis

M.E – tem seis filhos?

L.A.O – seis filhos mais nê são quatro... de barriga e dois... meu isposu era viúvo nê e acabei de cria os otus dois... então são seis...tudu casadus.

M.E – todus casadus..

L.A.O – (...) tudu uma nova difernti (...) uma nova vida estuda uma nova vida quando era criança ((risos))

M.E – conta mais de sua vida pessoal? Resuma sua vida?

M.E – da infância a hoje.

L.A.O – da infância?

L.A.O – ah (...)...e sempri ahiana....(...) sempri criada na (...) sempri não quis fala qui sou baiana (...) a pessoa fica tirandu o sarru.. u meus irmaus qui falavam qui só eu qui naci na Bahia i meus irmaus tudu do Riu Grandi du Acri...eles falavam qui se baiano é umbixo burru, que pau que nace tortu (...) ai fiquei cum pavor di negocio di baianu... não falu pro zotrus qui sou baiana (( risos)).

M.E – nossa que preconceito com baianu...

L.A.O – ( ...) ai eu estudava não saia segunda serie... meus irmaus falavam que eu era burra ai ficou na minha cabeça (( risos)) que eu era burra porque era baiana... hoje em dia não podi...

M.E – é preconceito nê..

L.A.O – (...) falavam brincando cumigo e eu pegava aquilo pra mim.

M.E – quatus irmaus você tinha?

L.A. O – éhn...ehn..seis irmaus comigu seti e ai tinha treis... patru homens e treis mulhê...ai eu fui criada assim nê.. ai eu nunca gostei...de falar sobri...eu sou de matu grossu, fui crida em matu grossu...onde você é nacida? sou baiana (( risos)) nunca gostei de fala qui sou

baiana...meus irmãos tiravam o sarru que baiano era bichu burru... que não sei o qUE baiano era...do pé rechadu não sei lá o qu..

M.E – nossa que horror!!!

L.A.O – fiquei com aquilo na cabeça ((risos)) mais era o dizer do pessoal que falavam assim...de brincadeira eles falavam...tiravam o sarru dus baianus... i eu fiquei com aquilo na cabeça nê...

M.E – e a inflância da senhora, a senhora tinha brincadeiras com seus irmaus?

L.A.O – ah a genti... não a genti brinti brincava com... só com as crianças dus vizinhos das mininas brincava... com os irmaus a genti não brincava (...) diferenti meninos perto dos pais meninas com a mãe eh hh antigamente era tudu diferenti nê?

M.E – uhn...diferente de hoje..

L.A.O – (...) depois logu eu casei...tinha desessiis anos eu casei...ai eu engravidei logu...ingravidei de quatu filhu....fiquei cum trauma di barriga ... ( ) outro anu outra barriga ai aquilo foi sabe? Fiquei co trauma de barriga (( risos)) de gestante (( risos)) foi quartu cada um...

M.E – um atrás do outro?

L.A.O – é um a trás du outro, cada anu um...ai eu...o meu mais velho foi um ano e três meis a outra foi quatu meis ai teve um que foi um cum cincu mês que ganhei a segunda a terceira... cincu mês que tava cumela começou uma tortura... tava cetu a mistruação e ficou atrasada a mistruação a chei que era normal... começou a dar umas torturas e umas fraquesas fui no medicu estava grávida..

M.E – quartu?

L.A.O – cincu meis que tinha ganhadu a nenê...fiquei grávida....

M.E – dona L abrigada pela entrevista

L.A.O – ((risos)) obrigada você por me ouvir.

## ANEXO – 03

Quadro 03 – Trecho transcrito da narração pessoal do informante

**LOCAL:** Campo Grande    **DATA:** 20/ 07/ 2017    **SEXO:** Masculino  
**INFORMANTE:** N.P.S    **IDADE:** 39    **ESTADO CIVIL:** Casado  
**LOCAL DE NASCIMENTO:** Eldorado/MS    **PROFISSÃO:** Aposentado (invalidez)  
**GRAU DE ESCOLARIDADE:** Séries Finais  
**INQUIRIDOR:** Marlene Eliane dos Santos  
**TRANSCRIÇÃO:** Marlene Eliane dos Santos  
**DATA DA TRANSCRIÇÃO:** 03/ 07/ 2017

**INTRODUÇÃO.** (M. E.) - meu nome e Marlene, estou aqui em campo grande mato grosso do sul, hoje é dia vinte de junho de dois mil e dezessete. Estou aqui com o senhor N.P.

**ENTREVISTADOR.** M. E. – tudu bem seu N.

N.P.S – tudu bem

M.E – o senhor é natural de Campu Grandi?

N.P.S – não sou natural de Eldorado

M.E – Eldorado? Faz tempo que o senhor esta em Campu Grandi?

N.P.S – faiz quatorzi anus

M.E – o senhor veio com com quantus anus para campu grandi/

N.P.S – tinha trinta...tinha trinta anus mais ou meus

M.E – ehn...veio casadu de lá?

N.P.S – uhn...vim casadu. na época so tinha um filho... e agora tem mais uma caçulinha...

M.E – ahh...agora tem um caçulinha...qual a sua profissão seu N?

N.P.S – euuu..no anu de dois mil e treis eu sofri um acidenti de trabaio...no momentu estou afastado do serviçu nê... fui aposentado do por causa do acidenti de trabalho.

M.E – o senhor fazia o que...qual é a sua profissão?

N.P.S – trabaiava na usina de cana lé em Naverai...

M.E – uhn...usina de cana...o que aconteceu seu N?

N.P.S – ehn eu cai em um burracu e estava ventandu demais e veio um fexi de cana em cima de mim...ai acabei me machucando o nervu ciaticu.

M.E – o senhor caiu nu burracu e não consegui si eventar...

N.P.S – não sinhora, aí e fiquei.

M.E – quebrou a bacia?

N.P.S – não o nervu ciáticu que se deslocou.

M.E – por riso foi afastado do trabalho, depois disso o senhor se aposentou?

N.P.S – ehn...fiquei alguns tempus só com auxilio duença, depois de cincú anos foi que saiu aposentadoria.

M.E – não deve ser fácil cinco anos indo pro medico e voltando.

N.P.S – é complicadu...perícia... varias pericias...passei por umas quinze perícias...pericia judicial... aí eu consegui fica definitivu.

M.E – qual a diferença de judicial da outra?

N.P.S – judicial é que judiciário briga, o juiz obriga pra...chegar um conclusão final, se fica ou volta pra firma...aí em dois mil e deis saiu.

M.E – uhn...em dois mil e deis o senhor se aposentou...o que o senhor fez de lá pra ka seu N?

N.P.S – comu eu não possu trabaia eu fiquei cuidando da minha filha, minha isposa trabaia...i voltei pra iscola...estuda que não tinha...o grau de escoliridade era baixa nê, estamos aí.

M.E – uhn...senhor fica com sua filha o dia inteiro.

N.P.S – éhn... não é dia inteiru é que ela estuda nê.

M.E – a tarde? e que programação que o senhor faz com ela na sua casa? O senhor sai com ela para passear...

N.P.S – saiu com com ela pra passear, vamos nus parquinhos quandu tem tempu no final de semana.

M.E – vai com sua esposa e sua filha.

N.P.S – minha isposa também...

M.E – passeam juntos eh

M.E – o que vocês fazem juntos de diferente além de ir pro parquinhos.

N.P.S – vai pro parque indígena viajeia bastante...a gente gosta de viajar nê.

M – hum que cidade vocês gostam de viajar? Que cidade vocês vão?

N.P.S – a genti vai pra Eldoradu (...) da cidade eu vim de lá e pra Rondonopolis que a genti vai sempre também.

M.E – tem parentes lá?

N.P.S – tem uma irmã que mora em Rondonopolis.

M.E – o senhor é filho único seu N?

N.P.S – não nois somus im dozi.

M.E – vocês são em doze irmãos...serio todos vivos?

N.P.S – todos vivos

M.E – éhn...

N.P.S – na verdade quatorzi, tem um casal mortu.

M.E – todus moram em Campu Grandi?

N.P.S – não todus isparramadus...alguns em Eldoradu, Cascavel, Rondonea...

M.E – Nossa! então o senhor tem muitas historias de criança pra contar.

N.P.S – bastanti nê... é...nem muito porque num tive infância assim, é eu com oitu anus já comecei a trabalhar, com oito anus eu trabalhava na minha epuca e por isso que eu não estudei.

M.E – o que o senhor fazia com oito anos seu N?

N.P.S – carpia, roçava, dibuiva café fazia colheita de café.

M.E – em Rondonopolis?

N.P.S – não! época eu morava no Paraguai nê.

M.E – ahh...o senhor marava no Paraguai...

N.P.S – é minha mãe faleceu eu tinha, tinha onze anus nê... aí eu já trabalhava e continuei trabalhando pra cuidar das minhas irmãs, tinha treis irmã tudu menor que eu e meus irmaus tudu tinha casadu, alguns tinha saidu de kasa nê... ihh ai era eu que tivi que cuidar das minhas irmãs, tinha que trabalha para o sustentu.

M. E – então sua mãe morreu o senhor tinha quantus anus mesmo?

N.P.S – onze anos

M.E – aí o senhor teve que trabalhar para ajudar o seu pai.

N.P.S – para ajudar meu pai na verdade.

M.E – aí ficou seu pai e suas três irmãs.

N.P.S – ahh...morandu juntus sim.

M.E – conta um pouco dessa parte de sua vida.

N.P.S – é não é fácil tem que lagar os estudus, laga as brincadeiras...pra pode (...) da o sustentu das minhas irmãs nê da kasa de tudu, te a responsabilidade...mais...

M.E – aí o senhor ficou ate quantos anos, ficou com seu pais e suas irmãs.

N.P.S – eu fiquei até os dezesseis, aí depois eu casei muito novo.

M.E – o senhor casou com dezesseis anos?

N.P.S – casei com dezesseis.

M.E – meu deu...serio? ((risos))

N.P.S – ((risos)) quando tive a minha primeira filha tinha dezessete...ia faze dezessete.

M.E – e sua esposa? Tinha quantos?

N.P.S – ela tinha...quatorzi na época... é esse foi o primeiro casamento nê, não é a mesma isposa.

M.E – ahn! Não é a mesma esposa.

M.E – mesmo assim dezesseis e quatorze...

N.P.S – tenho um casal de filhos du primeiru casamentu.

M. E – no Paraguai?

N.P.S – em Eldorado mesmo.

M.E – estão hoje?

N.P.S – sim

M.E – o senhor visita seus filhos?

N.P.S – Sim, hoje estão todos casados, o menino tem vinte e dois e a menina vai faze vinte e cincü.

M.E – então são donos de si mesmo.

N.P.S – sim

M.E – e sua filinha tem quantus anos?

N.P.S – ela tem oito.

M.E – aí o senhor se separou...o que aconteceu?

N.P.S – separei e fiquei um tempu sozinho...

M.E – com sua primeira esposa o senhor morou com ela quantu tempu?

N.P.S – treis anus mais ou menus...

M.E – depois se separam...

M.E – aí o senhor ficou sozinho e veio a casar agora?

N.P.S – é ai eu vim de Eldoradu pra campu grandí visitar um irmão meu aí... cheganda aí é que conheci a minha isposa que eu estou agora, faiz já treze anos.

M.E – treze anos?

N.P.S – aí eu casei mesmu é que na primeira vez eu não era casadu...aí eu casei certinhu.

M.E – casou e depois se acidentou?

N.P.S – me acidentei em dois mil e treis que parei de trabalhar.

M.E – de dois mil e três para dois mil e dezessete faz um tempinho já. Por senhor, qual o sentimento de ficar parado, sem trabalhar? Porque para mulher é uma coisa pra homem é uma coisa bem diferente nê?

N.P.S – é pra mim foi muito ruim, porque estava acostumadu a trabaiar desde novinho criança, aí de repenti tem que fica...depara com uma coisa não é (...) não é porque a genti qué e porque a genti não podi mesmu...é ruim nê a genti tem que se adapta nê e toca a vida...

M.E – o senhor se senti mal por não trabalhar hoje?

N.P.S – se sintu fica paradão é ruim.

M.E – aí está gostando de estar?

N.P.S – pra mim está sendu otimu.

M.E – fez amizades seu N?

N.P.S – ixi fiz baste

M.E – é ... esse ano que o senhor começou?

N.P.S – não o ano passado...eu já tinha feito ate a quarta lá em Eldoradu... aí entrei no ano passadu.

M.E – praticamente o senhor esta terminando...finais oitavo e nono...

N.P.S – éhn (...) sim tem que termina...

M.E – o senhor vai pro primeiro ano normal ou vai pro EJA?

N.P.S – estou querendu fazer EJA pra dar uma acelerada nê...

M.E – seu N obrigada pela entrevista

N.P.S – de nada.

## ANEXO – 04

## Quadro 04 – Trecho transcrito da narração pessoal do informante

**LOCAL:** Campo Grande      **DATA:** 29/ 06/ 2017      **SEXO:** Masculino

**INFORMANTE:** C. S      **IDADE:** 38      **ESTADO CIVIL:** Solteiro

**LOCAL DE NASCIMENTO:** Porto Murtinho

**GRAU DE ESCOLARIDADE:** Séries Finais      **PROFISSÃO:** Pescador/Pedreiro

**INQUIRIDOR:** Marlene Eliane dos Santos

**TRANSCRIÇÃO:** Marlene Eliane dos Santos

**DATA DA TRANSCRIÇÃO:**

**INTRODUÇÃO (M.E)** – meu nome é Marlene, estou aqui em Campo Grande Mato Grosso do Sul. Hoje é dia vinte e nove de junho de dois mil e dezessete e estou aqui com o CS.

**ENTREVISTADOR.** M.E – tudo bom C.

C.S – tudo bom.

M.E – quantos anos você tem mesmo?

C.S – trinta e oito anos

M.E – trinta e oito anos.

M.E – solteiro segundo você me disse.

C.S – sim

M.E – C você sempre morou em Campo Grandi?

C.S – não faz três meses que estou aqui...quatro

M.E – quatro? Você veio da onde?

C.S – Porto Murtinho.

M.E – Porto Murtinho... você veio sozinho?

C.S – vim sozinho...

M.E – uhn...para trabalhar.

C.S – vim pra trabalhar e estudar...começar os meus estudos porque parei...vinte anos de estudar...parei de estudar e agora retornei.

M.E – você... qual a sua profissão?

C.S – lá em Murtinho eu era pescador...pescador profissional.

M.E – pescador? Fala um pouco de sua profissão em Porto Murtinho.

C.S – pesquei...faiz...vinte anos de pecaria...

M.E – não tá dando nada em pescaria?

CS – esta dando...só que o turismo esta fracu nê (...) por causa dessa crise que deu aí...desde aquele dia deu essa paradeira.

M.E – você veio por causa de que não estava dando dinheiro?

C.S – também mais é (...) mais por causo de separação nê...ai eu separei (...) por isso e que eu vim pra ka.

M.E – seus filhos estão lá então...

C.S – estão lá...eles vão vir nas férias pra passar as férias comigo.

M.E – quantos anos eles tem?

C.S – eu tenho um de quinzi e a outra de ouitu anos.

M.E – de quinze anos... nossa...conta um pouco de sua vida C, tem irmãos? Como que é...

C.S – tenho patru irmãs

M.E – patru irmãs e você e o único filho homem? Sofrei na mãos delas...

C.S – nossa...eles que sofreram na minha mão ((risos))...eu sou o terceiro nê.. é do meio...fiquei como o caçula tambem

M.E – é ((risos)) foi minado então...

C.S – não tantu...

M.E – patru irmãs...nossa...conta da sua vida da sua infância um pouquinho.

CS – foi muito...sofridu a nossa infan...infancia pra nós...e que nós não morava em Murtinhu mesmu nós marava pra baixo pouco no ribeirihu...então a minha vida inteira quase foi a pescaria mesmu...esse rio ai graças a deus conheci tudu.

M.E – então sua vida foi pescar e na beira do rio?

C.S – éhn

M.E – fez muitos amigos em Portu Murtinhu?

C.S – nossa...tenhu...onde eu vou faço amigus

M.E – conta um poucu..onde você vai fais amigus...

C.S – graças a Deus...tenho facilidade.

M.E – o menino que saiu daqui disse pra mim que não tem muito amigus.

C.S – (...) muito muito

M.E – o que vocês faziam de interessante lá?

C.S – jogava futebol...depois do futebol cerveja...uma cervejinha...é mais no esporte mesmu (...) amizade.

M.E – você gosta de futebol?

C.S – gosto...quando minha mãe tinha dezesseis anos ela não dexo era pra i no ponte preta pra joga, aí minha mae e meu pai não dexo...é que nois pescava com pessoal do ponte preta (...) aí nois era no hotel fazenda...era no hotel fazenda...lá tinha campinhu de futebol...aí toda tardi o pessoal voltava sedu, umas quatro horas da tardi pra pode joga, pelotero contra turista...o pescador contra turista, aí veio um pessoal du da diretoria da ponti preta...começamus joga aí começou a gosta du meu jogu i ficou de eu pescar com ele... aí no barcu peguntaram pra mim, mas você joga em algum timi (...) jogu so no timi da cidade mesmu, quando faz seleção(...) treze time tem lá, ai eu jogava no timi, sempri sai campeão...ai ela foi se interessandu, ai pedu pro meu pai, meu pai também estava pescandu na mesma turma dele... (...) pessoal mais na mesma turma, ai conversou com meu pai (...) queria nê, mais minha mãe e que é o negocio...ai taá acobou a pescaria(...) acobou a pecaria, cincü dias de pescaria agamus em murtunhu nê...achegamus lá ele falou não (....) si der certu (...) so que você vai fica...voce não sair jogando (...) partamenti estava fechado so que ia demora um pouco (...) beleza vai ganhar tantu, ai conversou com a minha mãe meu pai e minha mãe já começou chora nê...não, não meu filhu você não vai levar...mais é bom pra ele não sei o que (...) era um casal tamem (...) ai quando o pessoal queria me levar eu já tava já...passou um tempu já tava com vinti e dois anus, ai sai treis vezis com o melhor saguiru de murtinhu...ai me queriam aqui, ai foi ver minha idade já perdi.

M.E – você senti frustrado por isso?

C.S – fiquei...sempri falei pra minha mãe...mas é a vida.

M.E – você continuou pescando depois disso?

C.S – é continuei ... sempri pescando

M.E – pescador ganha alguma coisa além da pesca...incentivo do governo?

C.S – incentivu do governu, ganha quatro salario...no final nê...final de pescaria e porque fica quatro meis paradu...até final de outubro pesca depois fica novembro, dezembro, janeiro e fevereiro...depois começa tudu di novu.

M.E – você veio pra Campu Grandi sozinho então...assim com a cara e a coragem...

C.S – sozinho... não eu vim jogar aqui...aí depois do jogo fizemus uma festa na casa de um amigu nossu -- -- ai conheci essa mulhê essa também nê -- -- eu já tava com a ideia de vim embora logo

M.E – você veio...estava casado na época?

C.S – não já separei...fazia uma semana por ai

M.E – para campu grandi?

C.S – é quando eu vim tudu estva separadu...quando vim joga já estava assim (...)

M.E – voltando pra Campu Grandi o que aconteceu?

C.S – ai comecei a procurar empregu...

M.E – conseguiu?

C.S – consegui graças a Deus e ai...

M.E – de que?

C.S – pedreiro.. éhn ...eu trabaiava assim quando estava paradu da pescaria trabaiava de pedreiro lá em Murtunhu...po isso que eu tinha noção estas coisas...

M.E – você é pescador e pedreiro...éhn ..gosta do trabalho?

C.S – gostu...

M.E – da pra sobreviver de pedreiru?

C.S – da

M.E – pedreiro ganha mais professor ((risos))

C.S – éhn...mais...o negocio é o rolo.

M.E – o sol nê...

C.S – o sol hoje mesmu... hoje o sol estava brilhandu...

M.E – então sua frustração maior é não ter jogadu bola...

C.S – éhn

M.E – o seus filhos não quiseram jogar bola?

C.S – meu filhu queria...queria se espelha em mim...queria que (...) ele foi em um escolinha...ai falou com o professor (...) ele queria ser vagueiru também so que ele foi fazer teste (...) muito teimoso.

M.E – não conseguiu...

C.S – muito teimosu teima, teima faz dum jeitu (...)

M.E – adolescente

C.S – ser humilde tem que aceitar nê (...)

M.E – o que você diria da sua vida hoje pra terminamos.

C.S – nossa eu...queria terminar meus estudus

M.E – queria fazer educação física?

C.S – a ideia é fazer educação física ou ... fazer enfermagem

M.E – enfermagem?

C.S – (...)

M.E – da pra ser técnico de enfermagem... terminar nê?

C.S – (...)

M.E – então você tem a oportunidade tantu um quanto outro nê

C.S – 'nê éhn...tem que aproveitar agora estou com trinta e oitu anus nê tem que fazer uma coisa que (...) essa esposa atual ela já foi professora já ela terminou a facudadi...

M.E – a sua esposa incentivando.

C.S – incentivou não vamos estuda (...)

M.E – gostou da escola?

C.S – gostu...

M.E – gosta do sistema EJA?

C.S – gostu muito...

M.E – professores?

C.S – muito bom

M.E – vai terminar mesmu ou vai falar que vai terminar...

C.S – vou terminar se Deus quiser...este anus daqui o ano que vem

M.E – porque jogar bola não dá mais ((risos))

C.S – não da não ((risos))

M.E – se fosse lutador de MMA com trinta e oito anos você conseguiria, mas jogador de futebol ((risos))

C.S – ((risos))

M.E – Daniel obrigada pela entrevista...foi muito bom falar com você

C.S – ...certo obrigado você...tchau

## ANEXOS – 05

Quadro 05 – Trecho transcrito da narração pessoal do informante

**LOCAL:** Campo Grande      **DATA:** 07/06/2017      **SEXO:** Masculino

**INFORMANTE:** M. L      **IDADE:** 60      **ESTADO CIVIL:** Solteiro

**LOCAL DE NASCIMENTO:** Pernambuco      **PROFISSÃO:** Lavrador

**GRAU DE ESCOLARIDADE:** Séries Iniciais

**INQUIRIDOR:** Marlene Eliane dos Santos

**TRANSCRIÇÃO:** Marlene Eliane dos Santos

**DATA DA TRANSCRIÇÃO:** 29/ 06/ 2017

**INTRODUÇÃO (ME)** – meu nomi é Marlene, hoje é dia sete de junho de dois mil e dezessete, estou na cidade de Campu Grandi/MS. Vou entrevistar o senhor M.

**ENTRIVISTADOR (ME)** – tudu bem seu M.

M.L – tudu bem!

M.L – quantus anus você tem?

M.L – sessenta.

M.E – sessenta?

M.E – casado? solteiro?

M.L – solteiro

M.E – o senhor tem filhos seu Manuel?

M.L – não

M.E – sempri morou em Campu Grandi seu Manuel?

M.L – não eu fiquei mais na chácara na fazenda, eu gostu de chácara fazenda.

M.E – ehn

M. L – mais sempri morei aqui ( ...)

M.E – uhn

M.L – quilidade (...) de uns quinzi anus...

M.E – o senhor nasceu em Campu Grandi

M. L – não Pernanbuco...

M.E – o senhor nasceu em Pernanbuco...

M.E – aí o senhor veio com sua família para Campu Grandi.

M.L – (...)

M. L – com irmaus, irmaus mais irmãs...o que veiu di lá é poucu.... o restu naceu aqui...nasceu no mato grosso do sul

M.E – éh

M.E – o senhor tem uma profissão seu Manuel?

M– não...sempri fiz serviçu brasal nê...na chácara...fazenda...

M.E – então o senhor é lavrador...

M. L – sim... quando estava bom da perna vendi picolé (...) fez vinte quatu anus dia dez de abril...

M.E – ehn

M. L – a perna endureceu pareci que eu estou sentadu em sima de uma pedra (...)

M.E – nossa!!!

M. L – a sinhora vai pra seguro (...) e volta pior ainda (( risos)).

M.E – verdade ((risos))

M.E – seu Manuel o senhor é em quantus irmaus?

M.E – cincü

M.E – cinco?

M.L – vivus ( ...) então são seti.

M.E – uhn

M. L – então são seti irmãos.

M.E – conta um pouco de sua historia seu Manuel...

M.E – sua historia de vida de sua família...da sua infância ate agora... conta um pouco para mim.

M.L – fui criadu mais na characa... (...) ka minha mãe nê... fiquei trinta e novi anus na chácara nê...depois vim pra ka... fui pra São Paulu trabaei oito meses com meu irmau em Ibitinga...outra veis quatu... sempri aqui em Campu Grandi..

M.E – eu sou nascida em Ibitinga...

M. L – eu tenhu um irmão qui mora lá...

M.E – ehn

M.E – o seu faz alguma atividade algum esporti?

M. L – só aqui na iscola mesmu.

M.E – que atividade em grupo que o senhor gosta de fazer?

ML – na verdadi agora eu num possu nê...caminhã um poucu não posso muitu...

M. L – o que o senhor faz no final de semana?

ML – as vezis vou na casa de uns amigus... fui mais im kasa.

M.E – e sua infância ?

M.L – minha infância foi muito boa...era muita festa, com amigos na fazenda, a gente ia longe...trabalhava pra ter o dinheirinho da gente né...isso que eu gostei desde da idade de treze anos.

M – ehn

ML – ehn...

M.E – aí vieram para o Mato Grosso do Sul...

M – não aqui já, viemos de lá pequenininus...criei aqui no mato grosso..

M.E – conta da sua vida seu Manuel..

M.L – o melhor coisa da vida é a infância né...festa brincava com amigos... jogava bola, jogava bolita..aquela... bolita....aquele como chama aquele...para a diversão quando moleque.

M.E – uhn...

M.E – seu M porque voce não casou posso perguntar

M.L – deixei fugir a oportunidade né...((risos))

M.E – ((risos)) mas se apaixonou na vida...

ML – mora junto...já morei...

M.L – hoje é considerado casado... hoje se considera casado praticamente.

ML – (...) eu tenho relacionamento cinco o seis anos já

M.E – uhn...

M.L – mas não mora junto

M.E – aqui em Campo Grande tipo de trabalho o senhor fazia.

M – braçal né...aqui é vendendo picole né (...)

M.E – só vendendo picole, já foi roubado seu M?

M.L – fui uma vez..

M.E – ehn...conta para mim, o que aconteceu...

M. L – naquela época era baratinho quatoze real...mais eu recuperei né (...) mas recuperei né.

M.E – então o senhor recuperou.

M.E – pais são falecidos?

M. L – éh..meu pai eu não conheci...minha mãe faleceu... amanhã vai fazer três meses...

M.E – nossa...O senhor morava junto com ela?

M. L – morava..

M.E – só o senhor e ela?

M – não tem mais os meus irmãos (...) tem um irmão que mora (...) mexe com jogo do bicho e fica lá...e o outro mora no fundo de casa.

M.E – vocês moram todos juntos. Se dão bem M?

M.L – dão ... cosinhã é nois memu é que faiz

M – uhn...o senhor costuma de cozinhar?

ML – não gostu mais tem que fazer (risos)

M – ((risos)) como assim seu M (( risos))

M.E – e que a genti precisa comer nê...

M.E – eu também não gosto de cozinhar seu M.

M.L – ninguém gosta...

M.E – mas eu preciso

M. L – é que a gente é da fazenda...a genti costuma cozinhar...uma vez fui trabalhar com um amigo meu... tinha que fazer comida pro patrão (...)

M.E – uhn... o senhor trabalhava como cozinheiro.

ML – não senhora ... mais sei fazer igual uma cozinheira profissional...seu tempero tudo... se eu cair no mundo eu não moro de fome ((risos))

M.E – muito bom.

M.L – hoje um moleque não sabi fazer nem um arroz nê...(...) essa molecada...

M.E– verdade...realmente não sabem

M.E – seu Manuel foi um prazer conhecer o senhor.

M.L – bom serviço que Deus te abençoe

M.E – até.

## ANEXO – 06

Quadro 05 – Trecho transcrito da narração pessoal do informante

**LOCAL:** Campo Grande      **DATA:** 07/06/2017      **SEXO:** Feminino

**INFORMANTE:** D. A      **IDADE:** 54      **ESTADO CIVIL:** Casada

**LOCAL DE NASCIMENTO:** Corumbá/MS      **PROFISSÃO:** Dona de Casa

**GRAU DE ESCOLARIDADE:** Intermediário

**INQUIRIDOR:** Marlene Eliane dos Santos

**TRANSCRIÇÃO:** Marlene Eliane dos Santos

**DATA DA TRANSCRIÇÃO:** 07/ 06/ 2017

**INTRODUÇÃO (ME)** – Meu nome é Marlene, hoje é dia sete de junho de dois mil e dezessete, estou na cidade de Campo Grande/MS e vou entrevistar a dona D.

**ENTREVISTADOR (ME)** – tudu bom dona D...quantos anos mesmo a senhora tem?

D.A – cinquenta e quatro

M.E – casada?

D.A – casada

M.E – filhos?

D.A – tenho

M.E – quantos filhos a senhora tem?

D.A – [três ...

M.E – quanto filhos a senhora têm? três filhos..

D.A – [filhos

D.A – ahn (concordando)

M.E – homens mulheres...quantos...

D.A – dois homem e uma mulher

M.E – éh..

D.A – ahn

M.E – profissão?

D.A – eu sou...agora eu sou do lar né..eu era cabelereira mais eu...sofri um avc aí eu larguei mão

M.E – então a senhora sofreu um avC.. o que aconteceu?

D.A – [ahn

D.A – ah eu não sei que qui foi não sabe acho que poruque eu fiquei muito nervosa...porque fui pra Brasília nê..

M.E – [ o foi fazer em Brasília?

D.A – é eu fui levar o meu marido pra fazer um transplante de coração...e acho que fiquei muito nervosa...aí deu um avc em mim lá...quase que eu fiquei lá..

M.E – ahn...serio..

D.A – uhm...

M.E – ele fez o transplante?

D.A – não...não fez..

M.E – não consegui?

D.A – eu acho que o douto...achou que ele estava muito velho pra faze o transplante...eu acho nê..

M.E – [como assim]

D.A – eu acho nê...que o douto falou assim qui era melhor pensar bem...porque ele ia ficar um ano lá morando lá...tinha que usar aquela mascara...falou um monte de coisa lá...acho que ele achou (...)

M.E – uhn...aí o seu esposo...como ele está?

D.A – ah...aí vinhemus imbora...passou um remédio aumentou o remédio dele...graças a Deus está tudo bem

M.E – a senhora cuida dele sozinha?

D.A – éh...sozinha

M.E – nossa...a senhora sempre mourou em Campo Grande?

D.A – não eu morava em Cuiabá

M.E – a senhora morava em Cuabá eh

D.A – ahn

M.E – aí a senhora veio para Campo Grande com quantos anos?

D.A – ahn...acho que tem uns vinte anos que eu moro aqui

M.E – vinte e cinco anos...a senhora veio com quantos anos mesmo?

D.A – acho que eu estava com trinta e cinco e...trinta e alguma coisa

M.E – a senhora já veio casada de lá

D.A – uhn..

M.E. – com o seu esposo

D.A – uhn

M.E – a senhora já tinha filhos lá?

D.A – já

M.E – veio pra Campo Grande...eh

D.A – eu vim porque ele fui transferido nê... pur causa da profissão dele...aí ele foi transferido

M.E – [ele faz o que o seu esposo ]

D.A – ele era mestre de obras...ele hoje está aposentado

M.E – vocês vieram pra Campo Grande..

D.A – ahn..

M.E – veio pra trabalhar ou pra passear

D.A – não vim pra trabalhar nê

M.E – aí ficou em Campo Grande?

D.A – ahn

M.E – então...a sua profissão agora é du lar

D.A – porque eu... com meu braço eu fiquei com esse lado du...corpu que as vezes eu...ele...ele ficou assim meio bobo sabe...então é o brço que eu trabalho muito...puxa o cabelo e faz chapinha...o braço qui (...) que esse lado meu fico

M.E – [uhn]

M.E – a senhora se aposentou depois disso?

D.A – não eu fui lá...eles falaram qui...eu não tinha direito a receber lá a...

M.E – a senhora é autônoma quando a senhora era cabelereira?

D.A – ahn

M.E – a senhora não pagava nem um

D.A – não eu pago... desde quando eu abri o meu salão pago todo mês...eu pago direto

M.E – mesmo assim a senhora não teve direito a...aposentadoria?

D.A – eles falartam que eu só tinha direito só é...como eu vou te fala...ele me pagaram...quarenta e cinco dias...porque...ela mandou eu mexer o braço(...) mandou eu...aí falou que eu estava boa...então tá tudo certo

M.E – [uhn]

M.E – aí mandou de volta para casa

D.A – uhn

M.E – que chato

D.A – eh meu marido acho que que ia aposenta nê....que você vê que minha voz está um pouco meia (...) um pouco meia(...)

M.E – uhn...então a senhora se estressou muito com a ida pra Brasília

D.A – éh...eu acho que eu ...acho que foi que eu fiquei muito nervosa...porque primeiro nois ficamus lá num...numa casa de apoio (...) lá chama casa de apoio...i a mulher daqui que arrumou pra nois í...falou pra noís qui...noís ia lá na casa de apoio...qui ia que ia mandar dinheiro...qui ia se...tudo tudu (...) nóis ia ser tratado do mesmu jeito que aqui (Campo Grande)...noís quando chegamos lá...menina do céu...noís ficamus na casa de apoio...da sete horas tinha que entra pra dentro...se não noís ficava pra fora... i a gente num tinha liberdade pra nada na casa...i lá era sopa todo dia...meu marido não genta mais nem vê fala em sopa (( risos)) dá i...noís ficamu lá quase três mês...rapaiz meu marido ficou magro mas ficou um...pa..palitinho que não comia de jeito nenhum

M.E – mas vocês foram pra Brasília com aludo médico pra fazer a op...transplante...e eles não aceitaram?

D.A – [uhn]

D.A – éh

M.E – chegou na hora o médico não quis?

D.A – éh...o médico olho tudo lá nê...noís fomus com laudo do médico daqui...aí ele olhou falou que achava que não tinha necessidade

M.E – uhn...aí voltou pra casa depois de três meses...nossa que coisa terrível

D.A – uhn...então

M.E – dona Deuzina ou dona Deusa ((risos )) conta mais sobre a vida da senhora da sua infância

D.A – ((risos)) a minha infância?

M.E – é conta um pouquinho

D.A – ahn...eu acho que a minha infância foi legal...eu acho...eu acho que foi eu brinquei muito...a minha infância foi época que a gente brincava di sabugo di minho nê...que a gente pegava pra fazia boneca di sabu...sabugo e acho que foi legal

M.E – [uhn]

M.E – a senhora não tinha irmãos?

D.A – tinha noís somus em é treze irmãos

M.E – treze irmãos?

D.A – treze irmãos

M.E – todos vivos?

D.A – tem dois morto já...os dois mais velhos já morreram

M.E – quantas mulheres?

D.A – são seis mulheres

M.E – então vocês brincaram muito

D.A – vixiii...

M.E – além de sabugo de milho

D.A – nós brincava de pega pega é o negócio que fala...anelzinho...nossa nós brincava demais

M.E – [passa anel]

M.E – a senhora é a caçula ou...

D.A – não têm duas depois de mim

M.E – uhn

M.E – e aqui na escola....gosta da escola?

D.A – eu gosto... eu estou gostando muito que eu acho essa professora dá de português...é uma professora muito boa....ensina direitinho a gente...eu nem ia estudar porque no ano passado não aprendi bulhufas nenhuma...e a professora passava no quadro(...) copia e num ensinava nada...num explicava e a gente se quisesse copia e ia pra casa e num aprendia nada...aí eu falei não não vou mais não aí eu estava lá no posto de saúde aí chegou a professora e perguntando nê...gente quem quer estudar eu estou lá onde vai ter o EJA e tal e tal...eu peguei o telefone dela....ela me deu o telefone aí eu liguei aí ela (...) vai lá fazer sua matricula i...eu vim pra casa dela...ela é um amorzinho

M.E – eu percebi parece um excelente professora

D.A – ahn

M.E – é bom que sai um pouco de casa nê

D.A – e pensar que estou aqui até esqueço do meu velho ((risos))

D.A – ((risos))

D.A – até esqueço dele ((risos)) quando eu chego em casa (...) e que ele já está um pouquinho meio (...) quer dizer eu também não estou nova nê...mas ele tá (...) que é as dores que ele sente muito dor ele está com dores na coluna...está com problema na coluna e ele fica assim desinquieto...daí tudo que eu vou falar já acha que é motivo pra briga...já me responde mal....aí a gente começa a discuti

M.E – [uhn]

M.E – ele é aposentado?

D.A – é

M.E – a senhora fez amizades aqui?

D.A – muita amizades

M.E – fora da sala de aula...vocês saem pra algum lugar?

D.A – não...não porque eu não posso sair nê...se eu sai meu marido vai briga comigo ((risos))

M.E – ((risos))

D.A – ele ciuma muito de mim

M.E – sério ((risos))

D.A – ((risos) ahn..eu fala pra ele marido não precisa ciumar porque...eu acho já deu...já deu tudo que tinha que dá nê ((risos))

M.E – ((risos)) em casa o que a senhora faz em grupo...com a família? Vocês fazem o quem em casa?

D.A – a gente faz um almoço no domingo...daí eu chamo meus filhos meus netos vai tudu mundo pra casa...aí a gente faz um almoço...aí a gente faz ah...no domingo passado foi aniversario da minha neta mais velha ela foi lá pra casa...a gente fez um uma surpresa pra ela...entendeu?

M.E – uhn

D.A – eu tenho sete netos

M.E – têm sete netos...ahn

D.A – eu já tenho bisneto já

M.E – morar na sua casa só a senhora e seu esposo?

D.A – só eu e meu venho

M.E – então é tranquilo

M.E – éh

M.E – dona Deuzinha...muito obrigada pela sua entrevista...

D..A – Obrigada você ...até